

AUTORES & LIVROS

Junho de 1950
Ano XI

Director e redactor: NUCIO LEAO
Gerente: LEONARDO MARQUES
Secretário: SÉRGIO R. VELLOZO
P R E Ç O : — Cr\$ 3,00

Volume XI
N.º 6

Notícia sobre alguns escritores seiscentistas

Nota a este número de Autores e Livros

Temos chegado ao fim do século XVI e é o momento de recensarmos os autores menores daquela fase. Insistimos no número de hoje na biografia do vinte figura que a ela se prendem. As biografias somente, pois e outras, em nossas condições atuais, damos, como desejariamos, e sempre faltam, no lado das notícias biográficas, um ou outro excerto de mais autor.

Ficam ainda fora de Autores e Livros muitos escritores do século XVII. Em número futuro, da mesma natureza, no número que hoje sai, procuraremos preencher estas vinte ou trinta de falta — e isso nos permitirá dizer, então que o século XVII fica todo encerrado em seus valores mais deslumbrantes, em nossas páginas.

Frei Paulo da Trindade

Frei Paulo de Trindade nasceu em Manaus, capitão do Rio de Janeiro, em 1622 ou 23, acompanhou o governador do Brasil em uma visita a Pernambuco. Era ali superior de uma aldeia de índios, quando, em 1639, se verificou a invasão holandesa. Diante da mesma eventualidade ao lado dos índios de Felipe Camarão, se bateu com a cura sob as ordens de Matias de Albuquerque. Feito prisioneiro, confidenciou com os vencedores, e acabou sendo enviado para a Holanda, onde definitivamente os costumes holandeses, e casou-se com Margarida Ginterbach, passando a viver à custa da Companhia das Índias Orientais.

Recebeu dois anos depois de se ter casado, tendo o matrimônio um filho chamado Franco. Mandou a criança para a companhia do sogro, ficou-se ali. Logo, e casou-se com Adriana, de quem houve duas filhas.

Em 1643, saudoso do Brasil, deixou a família, e para aqui embarcou em uma das expedições de socorro da Companhia das Índias. Fricando-se em Pernambuco, obteve dos holandeses o auxílio de 2500 cruzados para expor os índios ao Brasil. Instalou-se, e começou a trabalhar. Mas foi informado de que em 1646, correu a malícia, a sua revelia, em processo, no qual ele foi condenado a morte herética, apostata e rebel, e recluso em estalota no Terreiro do Paço.

Sobrevivendo a luta contra os holandeses, nela tomou parte, estando preso na batelha do Monte das Taboas. Foi, porém, preso por ordem de Martim Soares Moreno, entregue ao governador de Pernambuco e remetido para Lisboa. Submetido a longo processo, recebeu a indulgência do Santo Ofício em 11 de Janeiro de 1648. Afinal, foi-lhe permitido sair de Lisboa para qualquer parte do reino.

Perdeu-se aí a sua história, ignorando os seus biografias seu destino ulterior. Sabe-se que faleceu em Lisboa, em 1651.

Sacramento Blake declara conhecer mais dois Manuéis de Moraes, ambos padres: um que, em 1586, escreveu sobre as Índias Pernambuco ao tempo do domínio holandês. Justamente quando o autor de Proposito e resposita se achava em Amsterdam ou nas masmorras do Santo Ofício.

Escreveu:

— *Proposito e resposita a uma pergunta de um cabreiro muy illustre sobre las cosas de Portugal* — In-4.º — Leiden — 1941.

— *pal e o Brasil — Amsterdam?*

— *Memórias Históricas sobre Portugal — História da América, Pernambuco inédita. Sub-se de sua existência por uma referência de João de Laet que declarou ter usado subsídios dela em seu Novus Orbis.*

— *Dictionarium nominum et verborum lingue brasiliensis maxime communis. Foi reproduzido por Mascagravio em sua Historia rerum naturalis Brasiliæ, com o título de:*

— *Vocabularium lingue Brasiliæ, autor Emanuel de Moraes, lingue illius peritissimus. Em tipi e latim. A obra de Mascagravio teve duas edições.*

— *Perfugariedades da fertilidade e — em 1649 e em 1650.*

— *o do Brasil, (Inf. de Afonso de Taunay, no t. 2.º das Anas Paulistas).*

— *Curtas de Manuel de Moraes, traduzidas em italiano, (Inf. de Ramis Galvão — Cat. da Exposição da História do Brasil, n.º 9.114).*

— *Resposta aos holandeses. Idem. N. 10.140.*

— *Resposta que deu o licenciado Manuel de Moraes a disserem os holandeses que a paz era a todos útil mais a Portugal necessária, quando por parte deste reino se lhe propoza uma proposta para a paz. E uma vez, em data, pertencente ao arquivo do Instituto Histórico Brasileiro. Figura em 1681, na Exposição de História do Brasil.*

— *Manuel de... sacerdote e teólogo, natural da vila de S. Paulo, Estado do Brasil, residente que foi nas arde do Norte, preso nas carceres da Inquisição de Lisboa (1647). — Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. LXX.*

Manuel de Macedo

Manuel de Macedo nasceu em Olinda, em 1603, e era filho do Desembarçador Cosme Rangil e de D. Jousa Cavalcanti. Fez os estudos no Convento de São Domingos de Lisboa, onde professou. Recebeu ordens de presbítero e foi graduado em Teologia. Foi Capelão e pregador da Duquesa de Mantua, D. Margarida de Austria. Acusado de manter estreitas relações com altos personagens espanhóis durante a ocupação de Portugal, sofreu grandes perseguições quando esse país se viu livre do jugo de Castela. Foi então exilado para as Índias. Reconhecido inocente, voltava das Índias para Portugal, quando, nos mares de Angola, naufragou e faleceu, no ano de 1643.

Deixou:

— *Política religiosa y curia de un padre a un Bispo — Saragosa — 1533.*

— *Esta obra foi traduzida para o português, por Frei Manuel de Lima, do Ordém de Santo Agostinho.*

— *Paulo DE SANTA CATARINA (Fr.)*

Frei Paulo de Santa Catarina nasceu em Olinda, no ano de 1602, e era filho de D. Felipe de Moura e de D. Genêbra Cavalcanti. Chamou-se no século Paulo de Moura. Casou-se aos vinte anos com sua prima D. Brites de Moura, deixando uma filha que veio a ser a bisavô do Marquês de Pombal, ao se ver viúva, sua dor foi tamanha que se procurou socorro da religião. Profundou na Ordem Seráfica de S. Francisco em 19 de fevereiro de 1633.

Indo para Lisboa, foi eleito guardião em 1682, provincial de sua ordem. Faleceu em 3 de fevereiro de 1683.

Inocência dá sobre esse autor apenas esta informação: "Capucho da provincia de Santo António e guardião do collegio de Santo António da Pedreira, de Coimbra".

Bibliografia:

— *Serão das Chagas do Cristo, pregado no Mosteiro de Lóvão, em 23 de outubro de 1661. — In 4.º, de 15 páginas. — Coimbra — 1662. Teve reimpressão em Coimbra, 1671.*

— *Artur Mota — História da Literatura Brasileira, 1.º vol.*

— *Inocência da Silva — Dicionário, vol. 17.º, pag. 158.*

— *Sacramento Blake — Dicionário, vol. 6.º, pag. 368.*

Pedro de Moraes Madureira

Pedro de Moraes Madureira nasceu em São Paulo, em 1610, e era filho de Pedro de Moraes Dantas e neto de Baltazar de Moraes de Antas.

Estudou em Portugal, e voltando ao Brasil, foi juiz ordinário de São Paulo. Em 1638 tomou parte na conquista de Quilina. Distinguiu-se em duas expedições de socorro a Santos contra os ataques dos flamengos. Faleceu em ano ignorado, depois de 1644.

A ele tem sido atribuída a autoria de um manuscrito sobre a expulsão dos Jesuítas de São Paulo, no ano de 1648. Mas Afonso de Taunay demonstrou a impossibilidade dessa autoria. Esse mesmo historiador admite a hipótese de ter sido Madureira o autor da *Relación de los Agradecidos*.

Domingos Barbosa

Nasceu na cidade da Bahia, cerca de 1624. Entrou para a Companhia de Jesus, já Mestre em Artes, em 27 de outubro de 1645. Foi professor de Humanidades e de Teologia, secretário do Comissário e do Provincial. Procurador a Roma, Mestre de Noviciado, Reitor das Colégios de Olinda e do Rio de Janeiro. A 15 de Agosto de 1662, fez a profissão solene na Bahia tendo sido recebido pelo padre José da Costa. Faleceu no Rio de Janeiro a 23 ou 24 de novembro de 1668.

Escreveu:

— *Declaração sobre um donativo em apagar feito pelo Collegio do Rio de Janeiro para os momeps de S. Bento da mesma cidade que construíram a sua igreja, Bahia, 17 de novembro de 1653.*

— *Processo justificativo do P. Simão de Vasconcelos, na qualidade de Magistris.*

— *Certe ao P. Geral Oliva, da Bahia, 12 de abril de 1668.*

— *Certe ao P. Geral Noyette, da Bahia, 26 de julho de 1662.*

— *Certe ao P. Geral Noyette do Rio de Janeiro, 1 de maio de 1665.*

— *De Passões Domini Mysterior. E' um volume de elegias, e vem na Biblioteca Lusitana, de Barbosa Machado, registrada com o título — *Passio Sernatoris Nostris Jesu Christi*.*

— *Escreve este autor veja Serrafim Leite, História da Companhia de Jesus, Vol. VIII, pag. 80.*

Francisco de Souza

Francisco de Souza é dado como tendo nascido em 1628, em 1630 e em 1638. E' dado, também como tendo nascido em Itaparica e como tendo nascido na Bahia.

Indo em 1647 para Portugal, levado pelos Jesuítas, parou, para Goa, e lá fez, muito mais, e noviciado do Contrahia. Fez todos os estudos e recebeu as sagradas ordens do presbítero.

Dois vezes foi a Lisboa, e na Capital portuguesa foi parco da frequência de o. B. de Salsete. Regressando à Índia, foi eleito deputado do Tribunal do Santo Ofício, retribuição justa aos grandes serviços que já havia prestado. Tomou assento naquele tribunal em 9 de agosto de 1700.

Faleceu em Goa, em 1713.



Domingos Barbosa, o autor da Biblioteca Lusitana. Foi o criador dos estudos biobibliográficos em Portugal e é nele que se encontram as primeiras notícias relativas aos escritores brasileiros.

SUMÁRIO

Págs. 57 e 58:

— *Nota a este número de Autores e Livros*

— *Vários autores do século XVII:*

— *Frei Paulo da Trindade;*

— *Manuel de Moraes;*

— *Manuel de Macedo;*

— *Pedro de Moraes Madureira;*

— *Frei Paulo de Santa Catarina;*

— *Domingos Barbosa;*

— *Francisco de Souza;*

— *Cristóvão da Madre de Deus Luz;*

— *Frei Ruperto de Jesus;*

— *Salvador de Mesquita;*

— *Isabel Ramos;*

— *Gaspard Ribeiro Pereira;*

— *João Borges de Barros;*

— *Gonçalo Ruyssco Cavalcanti de Albuquerque;*

— *Antônio da Piedade;*

— *Manuel da Madre de Deus Luz;*

— *João Alvaro da Franco;*

— *Fr. Francisco Xavier de Santa Teresa;*

— *Rita Joana de Souza;*

— *Oração de Graça, de Murilo Araújo.*

Páginas 59, 60 e 61:

— *Academia Literária — Contribuição para a história da que se fundaram no Brasil antes da Independência, de Rubens Falcão.*

Páginas 62 e 63:

— *Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — Primeira Série —*

— *Antologia da Poesia — XXXVIII —*

— *Gilka Machado.*

Bibliografia:

— *1 — Oriente conquistado a Jesus Cristo Padre da Companhia de Jesus na provincia de Goa: Primeira parte, na qual se contém os primeiros ante e fols anos desta provincia. Desdandes, 1710, fol. de XXXIV — 895 pag.*

— *Segunda parte. Na qual se contém o que se obrou desde o ano de 1564 até o de 1585. Ibi, pelo mesmo. 1710. Fol. de XXVI — 630 pag.*

— *Terceira parte dessa obra ficou, no Collegio Santo Antônio de Lisboa; ignora-se seu paradeiro.*

— *Frei Francisco de Souza foi também atribuída, por Varnhagen, J. M. da Costa e Silva, e outros, a autoria do poema Eutiquides. Mas considera-se, hoje definitivo que esse poema é da pena de Frei Manuel de Santa Maria Itaparica.*

— *Cristóvão da Madre de Deus Luz*

— *Cristóvão da Madre de Deus Luz nasceu no Rio de Janeiro, provavelmente em 1590. Foi guardião, defensor e procurador geral de sua ordem. Esteve, como procurador geral, em Por-*

— *Notícia sobre Gilka Machado;*

— *Saudade;*

— *Dentro da Noite*

— *Olhos perdidos;*

— *Espiritual;*

— *Intimos;*

— *Lucas;*

— *Temporal;*

— *Volúpia;*

— *Impresões do luar;*

— *No mundo;*

— *Impresões do gesto;*

— *Samba.*

Página 64:

— *Carta a Augusto Linhares, de Sérgio Velloso.*

— *Reminiscência, aneto autógrafo de Gilka Machado.*

Páginas 65 e 66:

— *A Vida dos Livros — Livros recebidos.*

Página 67:

— *O Corro, de Fog — XIII — Tradução de Aurélio de Lacerda.*

— *Um símbolo de Pernambuco, de Micio T. da.*

P:

— *1.º e 2.º de Sombra — L'Institution au Voyage, de Vilnius de Moraes.*

— *Os Estados da República e a Academia.*

— *Um romance da miséria.*

— *Simões Barbosa.*

— *Galeria Sotero Cosme — n.º 5*

— *Retrato de Mulher.*

tugal indo solicitar a criação da Província da Imaculada Conceição, obteve esse desideratum por breve de Inocência X, datada de 15 de junho de 1675. Duas vezes foi provincial e visitador da ordem. Durante muitos anos foi comensal do Santo Ofício no Brasil. Faleceu em 1720.

Recebeu:

— *Cuidado contra o tempo. In 4.º.*

— *Cartório da Província da Imaculada Conceição do Estado do Brasil. Este livro foi escrito em 1683 quando o autor era provincial.*

Frei Ruperto de Jesus

Frei Ruperto de Jesus nasceu em Iguaçu, Pernambuco, em 9 de agosto de 1644, e era filho de Souza e D. Maria dos Santos.

Tomou ordens no mosteiro de S. Bento, no Rio de Janeiro, e ali, lecionou várias cadeiras, inclusive Teologia. Indo para Coimbra ali se doutorou em cânones. Ocupou os cargos de provincial e visitador de sua ordem, e o de, qualificador, do Santo Ofício.

Academias Literárias

Contribuição para a história das que se fundaram no Brasil antes da Independência

RUBENS FALCÃO

I

Foi na Itália, por volta de 1540, que floresceram as *Unións*, as *Incognitas*, os *Gelados*, os *Solitários*, os *Surdos*, os *Invençáveis*, os *Quosus*, cujas reuniões, segundo o cinega Fernandes Pinheiro, celebravam-se "com todas as aparências de serenidade; e entre as mais ridículas temas, escreviam massigas e pedantes dissertações". Os primeiros, sob a proteção de Cosme de Medici, realizavam no palácio de seus senhores, em 1541, tinha na península, fundada pelo poeta Gruzini, encontramos a academia de Crusca, "assembleia do bom-gosto e da bela poesia". Deve-se a ela o aparecimento do primeiro vocabulário da língua italiana.

A França recebe a influência da pátria do Dante, e a musiquista de Hambollet "abre seus salões aos homens de letras". Se havia ali escritores medievais, como o disse alguém, houve também gentile: Bossuet, Corneille...

Em 1635 o cardeal Richelieu funda a Academia Francesa. Na Espanha, apesar de menos intenso e muito inferior ao francês, o movimento literário revelou-se com a eclosão das academias dos *Nocturnos*, *Descantados* e do *Son-Gosto*. A Real de Madrid, criada pelo duque de Escalona, em 1714, tinha por objetivo — "resolimar da língua espanhola os estranheirismos e por clareza — limpa, fixa e dá esplendor". Marini e Góngora faziam escola, e imensa era já a legião dos seus seguidores. Na Alemanha, Frederico I funda a Academia Real de Ciências e Belas-Letras.

Em Portugal desabrocharam, em grande número, essas corporações. Disse delas Almeida Garrett: "... Tudo o mais é acompanhado pelo mau gosto dos cultos, que, arrebatados em uma infinidade de academias dos nomes mais extravagantes e barbares, conseguem tirar toda a cor à literatura portuguesa de todos os gêneros e fazer da língua uma algaravia afetada e cíclica, vã de toda a expressão, asagrada em frases tão descomensais, em conceitos tão ócios que nenhum sentido se lhes acha, se algum tiverem os que tão absurdas coisas escrevem".

Foi porém, na segunda metade do século XVII que principiou no reino a desparar, mais decisivo, o gosto pelas companhias literárias. Citam-se como pioneiras desse movimento — D. Luiz da Cunha e o conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses. Os salões destes eram frequentados pelos intelectuais da época, que por toda parte promoviam reuniões: "mas casas particulares, nos conventos de religiosas e por outras reuniões se ajuntavam a cada passo não só os letrados, mas também os que pretendiam tratar com diligência os assuntos".

Das associações que existiram em Portugal, naquele período, sobressaem as dos *Generosos* e *Singulares*. A primeira, tal qual a Itália antiga, fundou-se em 1647, o trinchante-mór de D. João IV, António Álvares da Cunha; durou até 1688 e tinha por escopo — "explicar os fins divinos e obscuros de autores antigos e no mesmo tempo assentar os preceitos da retórica e da poesia". A segunda, de 1661 a 85, deixou das suas cogitações dois volumes de conferências. Surgiu sob a inspiração do trinchante-mór Pedro Duarte Ferrão. O seu símbolo era — "uma pirâmide onde se achavam gravados os nomes de Homero, Horácio, Virgílio, Camões, Aristóteles, Ovídio, Garcilaso, Góngora e Lopes de Vega e a divisa — *Solique non possunt necesse inveniuntur*".

Havia ainda as sociedades dos *Anônimos*, *Ocultos* e *Obscuros*; *Aplicados*, *Insígnies* e *Solitários*, resta em Santarém, no ano de 1664; *Humídes*, *Ignorantes* e *Problemáticos*; *Usados*, *Instigantes* e a *Escudatão*; as três primeiras de insignificante valia. A dos *Aplicados*, estabelecida o Padre Rafael Bimosa, em 1720; a *Instantânea*, inaugurada no Porto, deve-se ao Bispo D. Fernando Corrêa de Lacerda. As dos *Humídes* e *Insígnies* parece da ordem de 1758.

Pelo arcebispo D. Manuel Cendúlo foi criada, em 1793, a *Episcopalica*, que pretendia "ter a seu cuidado a pureza da religião, fazendo exame de sua observância e tendo a seu cargo receber as consultas e dúvidas de todas as paróquias para se por respostas nas sessões ordinárias".

No século XVIII outras parcerias se organizaram em Portugal, tendo sido as mais importantes a Academia Real da História Portuguesa, a Arcádia Ulissiponense, a Academia Real das Ciências e a Nova Arcádia. A primeira, instituída por decreto de D. João V, de 8 de dezembro de 1720, foi uma reconstituição da antiga academia dos *Generosos*, *Insígnies* e *Solitários* com cinquenta sócios e tinha por objetivo — "pontificar da menor sombra de falsidade a narração dos sucessos pertencentes a uma e outra história (eclesiástica e secular) e investigar aquelas que a negligência tem sepultado nos arquivos". Prosperou bastante, até que no reinado de D. Maria I se transformou na Academia Real das Ciências. Semelhante teve o seu fim no fim daquela — D. João de Bragança, 2.º duque de Lafões. A sua inauguração fez-se em janeiro de 1789.

É apontado como o esforço mais notável desse grêmio o *Dicionário da Língua Portuguesa*, de cuja elaboração foi incumbido o sócio Pedro José da Fonseca. Esse Dicionário, que, disse Mendes dos Remedios, "ficou na letra A, em abundante copia de autoridades e exigiu tal soma de trabalho que Pedro de Fonseca se inutilizou de doença por toda a vida e os seus colaboradores cegaram". A Arcádia Ulissiponense fundou-se, em 1756, António Diniz da Cruz e Silva, juntamente com Manuel Ribeiro e Rêveles Negrão. O seu vulto mais conspícuo foi o poeta Pedro António Corrêa Garção, vítima do despotismo do poderoso ministro de D. José I. Collimava a Arcádia promover a reforma da literatura lusitana. Por último — a Nova Arcádia da Academia de Belas Letras, — graças à iniciativa, em 1790, de José de Vasconcelos e Souza, conde de Pombeiro. Dentre outros, pertenciam-lhe o poeta Manuel Maria Barbosa do Bocage, conhecido sob o pseudônimo de *Elfraso Sadio*.

O Brasil, colônia de Portugal, não podia conservar-se indiferente ao movimento literário que agitava a metrópole. E apesar de só no século XVIII se terem firmado entre nós como sociedade realmente constituídas, já na derradeira metade do século se lhe antecederam as assembleias de letrados.

Silvio Romero, na sua opulenta História da Literatura Brasileira, considera essas agremiações "denunciadoras de muita vivacidade intelectual, muito desejo de aprender e trabalhar por parte dos colonos brasileiros. E se é certo que os seus escritos não podem ser citados como prova de alto aproveitamento, o que então se praticava na metrópole não era de muito melhor qualidade, e isto é o principal.

"A literatura do reino" — continua — "era então doentia e decadente. Na segunda metade do século levamos-lhe até vantagem".

Essa febre de academias, de que nos fala Coelho Neto, contagiou, na verdade, os homens mais instruídos da colônia naqueles anuviados tempos. E que homens eram esses? — "em sua maioria padre ou frade, doutores em cânones, homens de igreja, em sua" — responde-nos José Veríssimo, que aquelas companhias atribui a origem da crítica literária no Brasil. "Os seus primeiros ensaios" — escreve — "foram os pareceres ou juízos nelle apresentados sobre os trabalhos sujeitos à sua apreciação".

A Bahia — eis o berço da nossa primeira agremiação literária — a dos *Esquecidos*, em 1734. Seguiram-se-lhe: a dos *Felizes*, no Rio de Janeiro, em 1738; a dos *Setetos*, na mesma cidade, em 1753; a dos *Renovados*, em 1759, ainda na Bahia; a *Científico*, no Rio de Janeiro, em 1772; e novamente aqui a *Sociedade Literária*, no ano de 1786.

Zurruco, a vela satírica do irreverentíssimo Gregório de Matos Guerra, como em Lisboa, com o seu teatro, o infelizmente António José expusera ao ridículo a sabedoria dos académicos.

Foram tais, porém, as mais importantes das que entre nós se estabeleceram antes da Independência e delas sómente nos ocuparemos, sentindo não dispor de vagar para o estudo da sua influência no meio em que viveram. Seria esse um trabalho de investigação paciente, que demandaria anos, talvez: de alto interesse para a nossa cultura, há de ser feito um dia por estudiosos e eruditos.

O que ora tentamos é uma contribuição modestíssima, uma visão de bom vontade ao nosso passado literário, apontando os pontos, que procuramos coordenar, de velhas leituras. Nada mais pretendemos nem ambicionamos.

ACADEMIA BRASILEIRA DOS ESQUECIDOS

II

Na cidade do Salvador, reunindo os melhores intelectuais da época e inspirada nos moldes da dos *Singulares*, fundou em 1734 o vice-rei Vasco Fernandes César de Menezes, posteriormente conde de Sabugo, a Academia Brasileira dos Esquecidos.

ACÚCAR DIAMANTE

O MAIS PURO
O MAIS ALVO
O MAIS SECO

DISTRIBUIDORES EM TODO O BRASIL:

Companhia Geral de
Melhoramentos
em Pernambuco

ESCRITÓRIO: RUA DO BRUM, 85 — CAIXA POSTAL 257

RECIFE

INSCRIÇÃO N.º 64 — RIO FORMOSO

PERNAMBUCO

Academias Literárias

do autor conceitua Varnhagem: — "Bem que omdas em faixas essenciais, destinada de critério e alheia a intenções elevadas de formar ou de melhorar o espírito nacional fazendo avulvar, em faixas de verdade, os nobres exemplos dos antepassados, a obra de Pita serviu entretanto, por algumas de suas mesmas exagerações, para recomendar a metrópole o Brasil. O escritor não recorreu, é verdade, às mais puras fontes da história; era mais imaginativo que pensador; mais poeta e admirador do belo que crítico, vassalo da razão e escravo das provas autênticas; e querendo ser o Tito Lívio da pátria, narrando os fatos do Brasil, tinha menos presença, o seu passado que tudo quanto sucedera em Roma e Cartago".

Nascou Sebastião da Rocha Pitta na Bahia a 3 de maio de 1860 e ficou-se naquela sua propiedade, em 2 de novembro de 1936. Foi, além de historiador, poeta; do seu tempo talvez o melhor, supõe-se. A sua produção poética, porém, nos seita totalmente desconhecida não foram os documentos relativos às academias literárias de que fez parte, existentes na Biblioteca Nacional e na transferência deles feitos por Fernandes Pinheiro". Instrua o autor dos *Estudos de Literatura*, não sem as necessárias reservas, haver também o arcaico mencionado escrito um romance em verso castelhano. Mas foi, sem dúvida, como historiador que ele se impôs à admiração dos seus contemporâneos. A sua mais importante obra é inequivocamente a frondosa *História da América Portuguesa*, desde o ano de 1500 do seu descobrimento até o de 1724. Com 746 páginas, saiu das oficinas de José Antônio da Silva, em Lisboa, no ano de 1739. Oferecida à majestade augusta de el-rei D. João V, contém as licenças da Academia Real e aprovação dos qualificadores do Santo Ofício. É toda composta e impressa em tipos grandes e nítidos, grimo papel e um índice alfabético. Divide-se em dez capítulos, numerados os extensos períodos, com as súmulas à margem. Vai do descobrimento do Brasil àquela referência à sociedade dos *Esquecidos*, feita à página 656, n.º 112.

Deixou ainda os seguintes escritos: "Narração da vida e morte da Exma. Sr.ª D. Leonora Joze de Vilhena e das exéquias que se celebraram à sua memória na cidade da Bahia, em 1721"; e "Breve compêndio e narração do fúnebre espetáculo na cidade da Bahia ao viu na morte del-rei D. Pedro II." Compôs em 3 de dezembro de 1707, publicou-se em Lisboa, Valentim da Costa Deslandes, impressor de Sua Magestade. Conta a narração de 19 páginas, consagradas "no título que no Sereníssimo Senhor D. Pedro II se fez na cidade da Bahia, cabeça do Brasil, porção maior do Império Lusitano". Atribua o autor com este soneto:

"Este horrível Alcaide da saudade
da nuaga soberbíssimo apontou,
Onde mora a lembrança por tormento,
Onde vive por culpa a Majestade;

Altar ao melhor Rei da nossa idade,
Que logra em firme e duplicado assento,
Como humano na terra, monumento,
E cadáver no Céu, como Deidade;

E memória, que ao seu segundo Marte
Pedro eterna em nuaga a Bahia,
Onde compete dor, grandeza e arte;

Mostrando nessa grande fantasia,
Que lhe tocou do amor a maior parte,
Como parte maior da Monarquia".

O exemplar existente na Biblioteca Nacional, apesar de quase devorado pelos traças, deixa ainda assim entrever um belo trabalho tipográfico.

Rocha Pitta, filho de João Vilho Godin e D. Brites da Rocha Pitta, iniciou na Bahia seus estudos com os Jesuítas, transportando-se a Coimbra, bacharelou-se em cânones.

III

Diz o autor de nascimento da mais antiga das nossas corporações literárias:

"O exmo. sr. Vasco Fernandes César de Menezes, incomparável vice-rei do Estado do Brasil, que no seu ilustre nome traz vinculada com a profissão de ilustrar as armas a propensão de honrar as letras, para dar a conhecer os talentos que nesta província florescem; e por falta de exercício literário estavam como desconhecidos, determinou instituir uma academia, a cujo fim fez chamar por cartas-circulares as pessoas seguintes: o reverendo padre Gonçalves Soares da Franca, o des. Checho de Brito e Figueiredo, chanceler deste Estado; o des. Luiz de Siqueira da Gama, ouvidor geral do civil; o dr. Inácio Barbosa Machado, juiz de fora desta cidade; o coronel Sebastião da Rocha Pitta, o capitão João de Brito Lima e José da Cunha Cardoso, ou qual na tarde de sete de março de mil setecentos e vinte e quatro, comunicou a vontade com que se achava de erigir e estabelecer a academia, cuja resolução abraçaram uniformes os sete convocados, como filha de tão excelente e generoso espírito; e com o seu beneplácito escolheram por empresa o sul com esta letra — *sol ortus in occidu* — assentando entre si com louvável modestia, instituírem-se — Os *Esquecidos*.

"Tomaram por matéria geral dos seus estudos a História brasileira, dividida em quatro partes: a natural que corre por contra do dito juiz de fora; a eclesiástica, cujo emprego se deu ao reverendo Gonçalves Soares da Franca; e a política, cuja incumbência caiu em sobre ao ouvidor-geral do civil.

"Dos sete académicos principais, o primeiro se denominou com o título de *Obeisqueto*; o chanceler tomou o cognome de *Nubioso*; o ouvidor do civil de *Ocupado*; o juiz de fora de *Labirinto*; o coronel de *Vago*; o capitão de *Infesta* e o último de *Venturoso*. A este nomeou o exmo. sr. vice-rei e protetor da academia por secretário para orar na primeira conferência, que se determinou fosse na tarde de vinte e três de abril, dia oito vo depois da páscoa do ano já referido.

"Assentou-se que as expedições académicas se fizessem em palácio, reiterando-se de quinze em quinze dias, e alterando-se os quatro meses de dois em dois em reciprocos sucessos, dando-se princípio a cada um daqueles atos com uma oração ou discurso, que lerá o presidente nomeado por seu antecessor, com beneplácito do, excellentíssimo fundador da academia.

ficando a cada um dos presidentes a eleição livre da matéria, ação, quanto ao problema sobre que quisessem discorrer.

"Ficou por estatuto que, em obsequio dos engenhos poéticos, se dariam para todas as conferências dois argumentos ou assuntos, um heroico, outro lirico; e as poesias a eles feitas lerá o secretário, o dito José da Cunha Cardoso (depois de recolhidas as prosas do presidente e mestres), admitindo-se também poemas anônimos.

"Não pareceu bem se dessem especiais assuntos poéticos para a conferência do primeiro dia; porque (diz ele) se reputou por breve para os mercedos emódos do nosso augustíssimo protetor e da sempre heroica e felicissima criação da nova academia, em cujo nome se ordenou ao secretário chamasse e convidasse a muitos, particularmente a pessoas de distinção, o que lhe obstruiu por cartas, escrevendo também um papel, que os curiosos podiam tomar como cartel de desafio para certames literários".

O sol foi o centro da inspiração académica. E de Antônio Cardoso era Fonseca, (do como um dos maiores engenhos poéticos daquele período, o soneto seguinte:

"Dir' hoje a vossa pés um pretendente
que per ter na Bahia o nascimento
vem lá donde habita o esquecimento
buscar a lua que jaz cá no Ocidente.

Porque, vós como o sol, que do Oriente
ao ocaso passais a dar-lhe aumento
dos raios que produz vossa talento
um novo sol geral no continente.

E porque no museu vim suplicante
tomar o mesmo sol por sua empresa,
pede a vossa excelência aqui remanece

lhe admira a este Museu sua rudeza,
pois se Febo lhe dá força de Atlante
as luzes lhe dará vossa grandeza".

Na terceira conferência deu-se esse tema lirico para dissertação: "Uma dama que, sendo formosa, não falava para não mostrar a falta que tinha de dentes". Alguns dos presentes abordaram o assunto em verso, conhecendo-se como os mais espirituosos esses de Rocha Pitta:

"Pondere a emudecida formosura
de Filis com tener que impertinente
pouca no meu soneto meter dente,
pois carece de Joda a dentadura.

Se por cobrir a falta esta escultura
tão muda está que não parece gente
estátua de jardim será somente
se de pano de raiz não for figura.

O senhor secretário quer que a creia
bela sem dentes, eu lho não concedo
— desdentada é pior do que ser feia;

e em silêncio só pode causar medo
ser relógio de sol para uma aldeia
para um povo estafado do segredo".

Ao tema burlesco — "Uma moça que, metendo na boca umas pérolas, e revolvendo-as, quebrou alguns dentes" — gloriosa o padre Barreto, vigário da freguesia de S. Pedro, com umas quadras insulsas.

A poesia dos nossos tempos coloniais, talvez com algumas poucas exceções, parece bem justificar aquele conceito de José Veríssimo quando, aludindo ao seu caráter, o denomina "dissaborido como um tema escolar". A prosa era trabalhada à maneira da portuguesa de então — arresvada e gongórica. "Por isso" — acentua — "é que durante todo o período colonial, salvo algumas raras, moftimas e intermitentes manifestações de nativismo, a literatura aqui é inteiramente portuguesa, de inspiração, de sentimento e de estilo. Não fés senão imitar infernicamente, sem variedade nem talento, a da mãe pátria. E miagre seria se assim não fosse".

A academia produziu: "Memórias acerca dos passados da colônia luso-americana", do chanceler Caetano de Brito e Figueiredo; "Dissertações críticas-históricas do descobrimento e origem dos povos e regiões da América", de Inácio Barbosa Machado; e uma exposição sobre a escola escatológica do Brasil, pelo padre Gangaço.

O visconde de São Leopoldo, falando a respeito dos escritos da corporação, julgou terem-se perdido no incêndio da nau *Santa Rosa*, em que seguia-se para Lisboa, onde deveriam imprimir-se. Mas Varnhagem eliminou toda a dúvida esclarecendo ter visto alguns desses escritos, aliás bastante insignificantes, na biblioteca do convento de Alcobuça. Constituem três volumes que, copiados do código 388 dessa mesma biblioteca, podem ser vistos em o nome Instituto Histórico.

Do que ali fica pode concluir-se não são de todo escassos os vestígios do grêmio fundado sob a proteção vice-real na cidade do Salvador. No parecer de Fernandes Pinheiro, foi a "primeira associação literária que, com caráter semi-oficial, existiu na nossa terra numa quadra geralmente considerada como da mais errada ignorância".

Academia Brasileira dos Esquecidos... "talvez porque" — supõe o autor da História Geral do Brasil, o colendíssimo Pórtio Seguro — "não se haviam na corte lembrado dos séculos que a fundaram os instituidores da Academia da História Portuguesa, poucos anos antes lá instalada sob a proteção do próprio rei magnânimo".

ACADEMIA DOS FELIZES

IV

Foi a segunda que floresceu no Brasil.
No Paço do governador do Rio de Janeiro, obrigadinho José da Silva Pais, fundou-a em 8 de maio de 1739 o dr. Mateus Saravina, físico-mór do presídio da mesma cidade, médico da câmara e cirurgião-mór da capitania. Compunha-se de trinta sócios, conhecendo-se, além do seu fundador, o fluminense Simão Pereira de Sá autor de um conceitos *Joco-sérios*, e Inácio José da Mota, seu secretário.

Tinha por escopo — "discorrer em assuntos vários, nobres, heroicos como liricos". Era sua insignia — *Hércules com uma clava afugentando o ócio* — e a inscrição correspondente — *Ignavia fuganda et fugienda*.

Muito pouco se sabe da formação dessa sociedade. O visconde de São Leopoldo, que fés conscientemente estudos da existência das academias no Brasil colonial, lá lamentava, a propósito da dos *Felizes*, que "dos seus estatutos e assuntos literários apenas nos tivemos chegada; insumpção nos fizessem e excessos nação da sua organização". Apesar de todo o apêlo oficial, desapareceu em 1740, ignorando-se a causa desse fato.

Foi o dr. Mateus Saravina, que de Lisboa ao transportar para o nosso país em 1713, incontestavelmente o mais erudito e abalizado dos seus membros. Dêle são as "memórias" em os títulos seguintes: — "América Portuguesa mais ilustrada que outro algum Dominio deste Continente Americano"; — "Plantela Basílica, médico-histórica, dirigida ao conhecimento das doenças endêmicas e epidêmicas do país, clima americano, com remédios próprios do mesmo, descobertos e adquiridos à força de experiência e observação judiciosa e de particular estudo e reflexão"; — "Discurso acetico-médico crítico, qual das virtudes morais políticas seja mais preciosa — a Prudência ou a Temperança"; — "Oração académica panegírica em homenagem do governador e capitão-general Gomes Freire de Andrade em cinco dias desde a província de Minas-Gerais no Rio de Janeiro; na ocasião em que os Acadêmicos Felizes dissertaram no seu palácio sobre as virtudes de um herói português".

Alguns desses trabalhos existem na Biblioteca Nacional.

ACADEMIA DOS SELETOS

V

Fundada também no Rio de Janeiro, celebrou uma reunião única: a 30 de janeiro de 1732, em honra do governador Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadela, que a presidiu.

Congregando os homens mais ilustres da cidade a estes homenagem ao famoso capitão-general, realizaram os seletos uma sessão magna literária em que foram empregados, infamam o célebre Fernandes Pinheiro, "oda a pompa e esplendor compatíveis com as circunstâncias do país".

Os trabalhos das academias, constantes de poemas em vernáculo, castelhano e latim, foram publicados em Lisboa, dois anos após aquela reunião, pelo ouvidor de Paranaíba, Manuel Tavares de Siqueira e Sá. Formam uma políptica de 232 páginas, com o título "Júbilo da América na gloriosa exaltação e promoção do ilustríssimo e exmo. sr. Gomes Freire de Andrade, governador e capitão-general das capitanias do Rio Minas Gerais e São Paulo, ao pósto e emprego de monte de campo general e primeiro conselheiro da medição e descuração dos domínios meridionais americanos entre as duas corôas de deléssima e católica".

A Feliciano Joaquim de Sousa Nunes, autor de um "Discurso crítico, poético e histórico contra a louquidade valiosa, a favor do silêncio prudente", é que se deve a instalação do grêmio. Foi ele o seu inspirador e, também, autor de uma oração panegírica ao seu amigo e protetor Gomes Freire.

Aberta a sessão, foram logo os assuntos divididos pelo presidente em três categorias e distribuídos, sob a forma de máximas, entre os académicos. Visavam todos à pessoa do homenageado. As máximas eram: umas cristãs — "a primeira parte do tempo para Deus; fundar casa em Deus; atribuir tudo a Deus; o que se dá a Deus dá-lo totalmente; a virtude de quem governa deve ser pública". Outras políticas — "a verdade é a alma das ações; do povo só o respeito; fazer-se temido pela justiça e amado pelos benefícios; vagaroso em resolver; constante em executar; merecer o prêmio, mas não pedi-lo". Outras ainda militares — "a verdadeira glória pelas armas; amar igualmente a honra e o perigo; na paz e na guerra a mesma vigilância valor e diligência seguem a vitória; do inimigo receber sempre".

A Revista Popular, tomo XV, ano 1862, publica ampla notícia desse conjunto de tão fugaz existência. Assina-o o modélico J. Norberto. Depois de aludir à ideia da sessão solene em honra do herói lusitano, relata o seguinte: "... No dia marcado, 30 de janeiro de 1732, um brilhante concurso afluía ao palácio do governador; todas as classes da cidade ali estavam representadas: era o povo e a nobreza da colônia, e o clero tão instruído naquele tempo, vinha também depor aos pés do virtuoso Gomes Freire de Andrade as produções de seu espírito, em versos compostos em latim, espanhol e português, e o título de musa jesuítas, beneditina, seráfica e carmelitana. No meio dessa ilustrada multidão distinguia-se a figura nobre e elegante do governador, rodeado dos seus ajudantes de ordem e dos principais autoridades; e entre os académicos, que tinham à sua frente o seu presidente e o seu secretário, vinham vários distintos não só pela sua posição na sociedade como pelas seus conhecimentos e talentos. Contavam-se entre eles o reverendo Dr. Miguel da Costa Ribeiro, que como poeta e orador gozava da estima dos seus contemporâneos; o capitão Tomás José Homem de Brito, militar brioso, que cultivava as letras e que por sua conversação amena e instrutiva sabia animar simpáticas; o reverendo reitor Antônio Nunes de Siqueira, mestre da capela, examinador sinodal e estimado pela sua fineza, por seus versos, compostos em várias línguas, e por seu apurado gosto pela música; o dr. Francisco de Almeida Jordão, tradutor de muitas obras científicas; o dr. Mateus Saravina, cirurgião-mór, tão célebre pela sua instrução como pelo seu estilo difuso e gongórico; o erudito dr. Simão Pereira de Sá, promotor da corôa e fazenda, que gozava dos foros de historiador; o dr. Antônio Antunes de Menezes, Fernando José da Cunha Pereira, Francisco Corrêa Leal, João de Castilho de Sousa Botafogo, Pedro da Silva Rosa e Tomás Rubi de Barros Barreto; os padres-mestres Antônio José Gomes da Costa, Domingos Lourenço de Castro e Rodrigo de Seixas Brandão; o capitão Antônio da Silva Cordeiro; os freires Manuel de Nossa Senhora do Monte do Carmo e Manuel da Encarnação, por autenticidade o clérigo; bem como José Pereira Leão, que, sem pergamim, buscava esconder-se sob o anônimo". Figurando entre os assistentes estavam mais, segundo Norberto, a poetisa cega Angela do Amaral Rangel, de que nos fala nas *Brasileiras Celebres*, e o futuro cantor do Uruguai, José Basílio da Gama, então com a idade de 12 anos.

Mas sabemos de nenhuma outra reunião dos académicos Seletos, além da que promoveram para homenagear o governa-

Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea

Primeira série — Antologia da Poesia XXXVIII — Gilka Machado

SANDALO

A Antônio Egas Monte Barreto de Aragão

Quente, estruxido, ativo, emocional, intenso,
o sandalo espirala, o espaço ganha, terra...
e tu, que antrêga o arvo em longas haustões, pense
ser ele a emanção da voluptu da Terra.

Odor que o sangue inflama e que um desejo intenso
de prazeres sensuais em nossas almas ferra,
quer perfume o branco de um rendilhado lenço,
quer percorra, a cantar, as brechas, o ermo, a serra.

Quando o aspirar a embruaguer em mim se manifesta,
e obria do amor transponha a virential floresta,
onde a Luxuria, como uma serpente, assema...

Há rumores marciais, sangrentos, agressores,
de trompas, de clarins, cornetas e bombas,
na forte exalação deste infernal aroma.

DENTRO DA NOITE

A Anibal Cardoso de Castro

As laranjeiras estão floridas
e sob o céu alvo do luar,
de branco assim todas vestidas,
parecem virgens a caminho para o altar.

A alma nos fica inteiramente preza
de um mistico languor,
ao perfume que exaliam na devesa
as laranjeiras em flor.

Há um rudo de oração, de longe em longe,
anda o hyssopo da Lua aspergindo todo o ar,
e o Vento riza como um velho monge,
para no altar da sombra as arvores casar.

Enquanto a noite fulge toda acesa
para a festa do Amor,
vão desfolhando na flores da pureza
as laranjeiras em flor...

SENSUAL

Quando, longe de ti, solitária, medito
neste afeto paixão que envergonhada oculto,
vem-me as narinas, logo, o perfume exultante
que o teu corpo desprende e há no teu próprio vulto.

A febril confissão deste afeto infinito
há muito que, medrosa, em meus lábios sepeito;
pela teu lascivo olhar em mim pregado, fito,
a minha castidade é como que um insulto.

Si acaso te achas longe, a colossal barreira
dos protestos que, outrora, eu fizera a mim mesma
de orgulhosa virtude, erige-se altaeira.

Mas, si estás ao meu lado, a barreira desaba,
e sinto da voluptu a acesa e fria lisma
minha carne polir com repugnante baba...

OLHOS PERFIDOS

Olhos da triste cor dos ambientes mortuários,
onde paira uma luz de cirio a tremular;
em um dia supuz que fosses dous alvários,
porque havia um sabor de mel no vosso olhar.

Como no espelho areol de putridos aquários
a noite se reflete o fulgor estelar,
a vossa podridão, olhos fatais e vãos,
vem, às vezes, um lume estranho iluminar.

Vejo, si em vosso todo acaso o olhar afundo,
que, em vós, como no horror de um lodçal imundo,
geram-se oculamente os micróbios de um mal.

E eu, que buscava abrigo à alma destilada,
toda me untei de lodo, infeccionando a vida,
ao contágio da vossa emanção letal!



Gilka Machado

ESPIRITUAIS

Do meu amor por ti como contar-te a história,
si nem sei desde quando em meu cérebro o trago,
erguido assim como uma igreja merencorea,
da qual tu sempre foste o milagroso orago?

De há tanto não te vê, apenas, na memória,
conservo do teu rosto um simulacro vago,
e, como desse amor goso supremo e glória,
lembro de um teu sorriso o espiritual atago.

O meu amor por ti é intangível e puro,
desprovido de ardor, desprovido das ancias
dos prazeres carnis, efêmeros e escassos.

Amor em que o meu ser, totalmente depuro,
amor que te deico através das distâncias,
como um sol a outro sol, através dos espaços.

INTIMOS

A Cândida Muniz Barreto de Costa

Minha avozinha, minha avozinha,
hoje quão longe de mim te estás!
Que linda água se me avizinha
e me recorda as primaveraes
das vividos na infância minha,
das que nunca voltarei mais.

E dessa estância do meu Passado,
s'o tu perduras por sobre as ruínas,
e erguendo o vulto sereno e amado
toda a povoa, toda a illumina.
Ahi como é doce ao meu ser maguado
essa lembrança que lhe propinas!

E' que, na fase da minha infância,
me foste sempre qual protetor
anjo que, sobre o meu mal, minha ancia,
asas abria de niver cor;
e inda hoje, sument, pos-a à distância,
lanças-me o pálio do teu amor.

Meu da infância pelos caminhos
liva os aculeos dos dissabores,
transpuz miséria, transpuz machinhos
desertos negros e aterradores,
que tu, cuidosa, com teus carinhos,
alcantavas de dentes fiores.

Sempre do gozo para a ancliedade
aos lábios tive da dor o fel,
pois, desde a minha mais tenra idade,
foi-me o destino triste e revel;
e só na tua doce bondade
achei na vida um pouco de mel.

Os meus momentos mais enfadonhos
por ti me foram sempre alegrados;
os desenganos trêdes, medonhos,
de mim buscavas ter afistados,
acalentando meus pobres sonhos
na rede de ouro dos teus cuidados.

E, recordand, aquelas antigas
noites, passadas no sono lar,
em que, vencida pelas fadigas,
in so teu colo me aconchegar,
escute aquelas velhas cantigas
que tu cantavas a me embalar.

Hoje, que o ser trago envolhecido
pela tortura, pelo canvaro,
e em vão abrigo busco no venido
corpo, que sinto morrente e laso,
punge-me a dor de não ter morrido
na feto leito de teu regaço.

LUNAR

Velhinha boa, lá vem a lua
subindo, como que a cambalear;
a Noite dorme gelada e nua
e, para o sono lhe suavizar,
sobre o seu corpo desdobra a Lua
largos e longos lençóis de luar.

Olhos luzentes, olhos dos campos,
de luz incerta, luz polycor,
além, das longas do espago, escampos,
brilham lampiões pelo trevor,
lucidos olhos, olhos dos campos,
de olhar curioso, investigador.

Andam perfumes sonambulando,
enquanto as coisas dormindo estão;
o vento passa, de quando em quando,
e tudo no vento estremece, então,
e, divagando, sonambulando,
andam perfumes pela amplidão.

Num largo lago que além se espalma
fulgura todo o lume estelar,
e a Lua ao vel-o, risinha, calma
e embevecida, põe-se a mirar
a sua sombra sobre a água espalma,
na água flutuando qual nenúfar.

Passa do vento a secreta ronda,
dizendo às coisas: "é já manhã!"
enquanto a Lua sobe, redonda,
lembrando um seio (que idéa van!)
e, ao chamamento da estranha ronda,
já tudo pensa no diurno afa.

Ne entanto é noite; mas, é tão branca
a luz que a Lua lançando vem,
que as coisas todas do sono atirancas,
as almas enche de um novo bem.
Por uma noite de luar, tão branca,
pode ter sono sequer alguém!

Faz-se na terra uma nova orgia
onde quer tudo se embetadar...

Nota sobre "Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea"

Continuamos, no número de hoje, a publicação da *Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea*, que, por motivo alheio à nossa vontade, desde o ano passado se achava interrompida. No número de hoje vai incluída uma das maiores expressões da nossa poesia atual, a brilhante Gilka Machado. Em números sucessivos, esperamos incluir outros valores ilustres de nossa literatura, inclusive muitos daqueles que têm sido postos numa injusta sombra de esquecimento pelo desdém das igrejinhas e pela indiferença das correntes em modo.

Com o número de hoje, atinge a nossa antologia ao número de oitenta e vinte e oito promadores, autores, sendo cinquenta e dois poetas

Notícia sobre Gilka Machado

Gilka da Costa Melo Machado nasceu nesta cidade em 12 de março de 1893, e é neta do violinista Pereira da Costa. Foi casada com o poeta Rodolfo Machado, de quem enviuvou em 1922. Em 1920, apresentou à Academia Brasileira de Letras ao concurso de Poesias, seu livro *Poesias* (assinado Ilma Glaucê). Constituída a Comissão julgadora por Humberto de Campos, Aloisio de Castro e Lauro Muller, foi o primeiro escolhido relator. Deu Humberto de Campos o primeiro prêmio ao livro *Rito Pagão*, de Rosalina Coelho Lisboa (Bruno de Aguiar), e pediu menções honrosas para os livros *Poesias*, de Ilma Glaucê, e *Amora Resum*, de Prado Kelly (Horatti Vintili).

Esse concurso trouxe animada e longa polémica na Academia, tendo sido o Parecer de Humberto de Campos combatido por Osório Duque Estrada e Medeiros e Albuquerque, sendo que Osório sustentava ser o único livro que devia merecer o prêmio o de Ilma Glaucê e Medeiros sustentava ser o de Hora Vintili. Prevaleceu, a final, o parecer do relator da Comissão. (Ver Revista da Academia Brasileira de Letras, n.º 18-20, setembro-dezembro de 1921).

BIBLIOGRAFIA DE GILKA MACHADO

- *Cristais Partidos* — Rio de Janeiro, 1915, 113 págs., com retrato da autora.
- *Estados de Alma* — Rio de Janeiro, 1927, 118 págs., com retrato da autora.
- *A revelação dos perfumes* (conferência).
- *Poesias* (*Cristais Partidos* e *Estados de Alma*) — (1915 — 1917) — Jacinto Ribeiro dos Santos — Rio de Janeiro, 1918, 237 págs.

- *Mulher Nua* (Poesias) — Jacinto Ribeiro dos Santos — Rio de Janeiro, 1922, 175 págs.
- *Meu glorioso pecado* — Amores que mentiram, que passaram — Alameda Torres, Rio de Janeiro, 1928.
- *Corno e Alma* (Poemas escolhidos) — Coleção Benjamin Constant — Civilização Brasileira S. A., d.

ALGUMAS FONTES SOBRE GILKA MACHADO

- Almeida Diniz — *Mulher Nua* — Mundo Lit. — 5-3-923 — 173.
- João Ribeiro — *Notícia* no Alm. Alves — 239 (com retrato).
- *Estados de Alma* (Imparcial) — 14-5-917.
- *Poesias* (Imparcial) — 10-3-919.
- *Mulher Nua* (Imparcial) — 28-3-922.
- Jonas Batista — *Revista da Academia do Plaut* — n.º 2 — págs. 179.
- Nestor Victor — *Cartas a gente nova* — *Cristais Partidos* e *Estados de Alma*.
- Osório Duque Estrada — *Crítica e Polêmica*.
- Rev. Souza Cruz — Jan. 1920.
- Rui Gomes — *Mundo Lit.* — 5-10-923 — 268.
- Tasso da Silveira — *Da Coroa de Atenas* — *Terra de Sol* — Vol. 3.º, pag. 32.
- *Terra de Sol* — 3.º vol. pag. 32 — (Antologia com retrato).

Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea

A Lua, as cousas, de cima, espia,
a amora de ambar, suspensa no ar,
para a noturna terrestre orgia,
retorna o oleoso licor do luar.

Em requiebrados, em bambolitos,
com gestos lentos, languens, sensuais,
mostram as frondes os verdes seios;
mostram as fibras dos laranjais...
e as palmas, em bambolitos,
mostram as danças das bacanaes.

Na soma de beijos pelos espaços,
lentos lamentos, ais de prazer...
mostram-se os olhos dos astros baços,
e quando em quando, para não ver
luz de abraços, que, nos espaços,
mostram todos, num só querer...

Na palma solta nas frondeiras,
poeta no espaço, poeta no chão;
as nuvens, no alto, de tão macias,
falam de palma julgo que são...
e a Lua, vista entre as frondeiras,
parece um fruto ser de algoão.

Mantilhas brancas, chales de bruma,
trajam da Noite nos membros nus;
e aqui agora todo se estufa
de nuvens que erram do espaço à flux...
e a Lua, vista através da bruma,
é um incenso lançando luz.

Na espumas brancas pelas alturas,
cascaem a Terra, o Infinito, o Mar...
e já dos sonhos presa as tenturas,
sinto-me como que desmarlar.
Escurregando, pelas alturas,
a própria Lua desmaia no ar.

TEMPORAL

A Miquel Montello

No acanhado nupcial dos ninhos silenciados,
sentem de um pezado a tetra tentura,
as aves, despertando aos repetidos chiados
do nido, a se estorcer, dentro da noite escura.

Tudo acorda. Há no horror dos céus congestionados
a tragica expressão de uma eterna loucura;
olham, dentro da selva, vivos, lamentos brados,
e o vento escoa quebra as árvores, tortura.

Do fútil furor o espaço a fulgida fagulha,
se frondeira, ao vento, estoura como uma onda,
e logo após se acalma, e logo após marulha.

Nam tra estilhado a chuva tomba, agora,
rápido, o raio riscou a treva, e estala, e estronda,
e o mata chã... e o ven-b'gem... e a chuva chora.

VOLÚPIA

Tenho-te, do meu sangue alongada nos véios;
a tua sensação me alheia a todo o ambiente;
os meus versos estão completamente cheios
do teu veneno forte, invencível e fluente.

Por te trazer em mim, adquire-os, tome-os,
o teu modo subtil, o teu gesto indolente.
Por te trazer em mim moldei-me aos teus colátes,
minha latência, nervosa e rubida serpente.

Tu veneno letal torna-me os olhos baços,
e a alma pura que trago e que te repudia,
contundente anela esquivar-me aos teus laços.

Tu veneno letal torna-me o corpo languê,
minha circulação longa, lenta, macia,
a subir e a descer, no curso do meu sangue.

IMPRESSÕES DO LUAR

Na praia deserta e no alto a Lua cheia,
o céu calado pendu, o oceano, calmo, guisa
o luar, no azul, no azul e em quanto me rodeia,
de levezas de gaze e alturas de cambria.

Como está branca, fôta e gélida esta aveia!
que parece luar porfirizado a praia
e que, frouxo, indeciso, o meu passo vagueia,
e quanto o oceano espuma e um luar líquido espraia.

A limpidez do céu somente a Lua empuna,
través a luz, a noite é azul, de lado a lado;
há no ar um cheiro manso e meloso, de cana

A cada meia, é de mel este oceano indolente.
este luar, assim branco, e assucar derramado...
que deora por toda a vastidão do ambiente!

NO CAVALO

Belo e heroico, agitando as veludosas crinas,
o teu árduo animal, tens a sofreguidão
do infinito — o infinito haures pelas nartinas —
e sem asas obter, buscas fugir do chão.

Domina-te; entretanto, és tu que me dominas,
e um desejo que espera a humana direção
da tua alma, e transpões os vales e as campinas,
meu sentimento e o teu se compreendendo vão.

Amas o movimento, o perigo, as distâncias;
dego, sentimental, tens arrojadas ancias,
em tuas veias corre um fervido calor.

Quando em teu corpo forte o frágil corpo aprumo
eu me sinto disposta a lançar-me sem rumo,
na conquistas da Glória e na conquistas do Amor!

IMPRESSÕES DO OESTO

(A uma bailadeira)

A tua dança indefinida,
que me retém extática, surpresa,
guarda em si resumida
a harmonia orquestral da natureza,
a eurtimia da Vida.

Danças...
teus lentos
movimentos
lembram-me o despertar preguiçoso das franças
à carícia dos Ventos.

Danças...
teu corpo tem
tôdas as nuances
de onda que vai e vem...
Danças... e um movimento ininterrupto e insano
põe no teu ser divinamente humano
palpitações de oceano.

Danças... nas atitudes que ara assumes,
a tua forma delicada, esguia,
sôbe, espiral, rodopla,
e se estira... a desliza...
fica em te o olfato e o olhar
a minha sensação que se torna imprecisa,
pois, ou teu corpo ora se vaporiza
ou com certeza todos os perfumes
nele se vieram corporificar.

Danças... ligeira como te aprumas,
como te elevas das cousas rasas,
teu ser enfleixa nvoas plumas,
teu frágil ser é uma saudade de azas.
Danças e cuido que estejas voando,
pois toda em vós te transfigurais,
teus membros lembram aves em bando
no anelo das alturas.

Danças... todos gestos são carícias mansas.
a tua dança é um tateio vago,
é o próprio tateio dedilhando
as melodias do afago...

Danças, e fêio, a quando e quando,
prema de gozo singular;
e sonho que me estás acariciando,
e sinto em todo o corpo o teu gesto passar.

Danças... teu ser é a imagem da Harmonia,
acorda nele, para meus sentidos,
a alma de todos os ruídos.
Danças... e enquanto meu olhar te copia,
ouem os meus ouvidos
uma nova, uma estranha sinfonia...
ora encolhendo, ora alongando os braços,
da tua própria carnção arrancas
misticidades brancas
musicando o silêncio dos espaços.

Danças... e toda te espreguiças,
e vae ficando parada...
não se movem teus membros, mas, em cada
linha, tens atitudes moveleças;
teu corpo é a dança marmorizada,
quando o quedas assim, por um momento,
observa nele meu olhar atento
das curvas o bailado.

Danças, os membros novamente agitas,
todo teu ser parece-me tomado
por convulsões de dâra infinitas...
e desse trágico crescendo
se gestas que encham o silêncio de ais,
vae
smorzando, descendo,
como que por encanto,
prema de um místico quebranto...
danças e cuido estar em ti me vendo.

Os teus meneios
são
cheios
dos meus anseios;
a tua dança é a exteriorização
de tudo que o sinto;
minha imaginação
e meu instinto
movem-se nela alternadamente:
minha volúpia, vejo-a torça, no ar,
sensibiliza a quietação do ambiente,
ora a crescer, ora a minagor,
numa flexuosidade de serpente,
a se enroscar
e a se desenroscar.

Em tua dança agitada ou calma,
cheia de adejos, de tremuras, de elastérios,
materializa-se minha alma,
pois nos teus membros leves, qual etéreo,
eu contemplo os meus gestos interiores,
meus prazeres, meus célicos, minha dôres!

Não dances mais, que importa, oh! bailadeira linda!
a tua dança para mim é infinda,
vejo-me nela, tenho-a dentro em mim,
constantemente assim!

Nos meus gestos retidos vive preza
como na tua dança extraordinária,
tôda a expressão múltipla e varia
da Natureza.

No mais alto prazer, no mais fundo pesar,
ativa esteja, esteja embora languê,
tenho-e na loucura do meu sangue
para o Bem, para o Mal, a bailar, a bailar!

SAMBA

Mexendo com as ancas,
batendo com os pés,
tremendo os seios
os dentes esplando
a todos e a tudo,
brilhantes,
brilhantes,
por dentro dos lábios,
— crioula ou cafusa,
cabocla ou mulata,
mestiça ou morena —
não te ama somente quem nunca te viu,
dançando,
sambando
nas noites de lua,
mulher do Brasil!

Ganzás cascavelam...
aca ulvos das eufias,
gorgelam violões...
e voses se alongam aos céus,
arrasando,
e dedos arrancam isócronos ruídos
das peles dos bombos,
das palmas das mãos...

Em meio aos terreiros,
que fauna,
que flora!
— papouas e garças,
jaguars e lírios,
ciclós e serpentes,
orquídeas e róis,
jasmims, paraquês,
colelos que enleam,
que são sacuris;
olhares que assaltam em botes ferozes;
sorrisos que se aliam com brancas plumagens;
roupagens que afloram em vividas cores,
cheirando a baunilha, alecrim.

Em meio aos terreiros,
que sustos,
que fugas,
que astúcias,
que heroísmo,
brasilica morena,
em todo o teu corpo,
que mingua,
que cresce,
que sobe,
que desce,
assim desmanchado
num sapateado!

Brasilica morena,
parece que o chão
se move, ao teu samba,
te anela, te busca,
te quer devorar!
Brasilica morena,
que forte atração
exerce em teus membros a terra em que vicas!

Se dentre o remoinho das fartas anáguas
te vejo girar,
morena,
eupônio
que estás submergindo,
que o solo te absorve,
que vais acabar...

Em meio aos terreiros,
teu vulto mareja,
teu vulto são ondas de ritmos remos os:
cidades errantes de nostalgia,
ondas rebeldes de revolta;
ondas invasoras de conquista,
ondas pensativas de montanhas;
ondas arfantes de rio;
ondas tumbidas de carne;
ondas preguiçosas,
ondas precipitadas,
ondas de tentação!

Em meio aos terreiros,
teus membros triquetros,
têm curvas de gestos
indetermináveis;
curvas que inclam a pensar
a fundo,
curvas que são da esfera deste mundo
e fazem nouro mundo acreditar;
curvas que de tal modo se procuram,
curvas cheias de tal palpitação,
que vejo em teus quadris desalinhada a Terra
dançando a dança da procreação

Ganzás cascavelam,
aca ulvos das eufias,
gorgelam violões...
e voses se alongam aos céus
arrasando,
e dedos arrancam isócronos ruídos,
das peles dos bombos,
das palmas das mãos...

Carta a Augusto Linhares

Tendo lido, num dos últimos suplementos dominicais do "Correio da Manhã", um artigo de Augusto Linhares sobre uma edição das obras de Raimundo Corrêa, artigo este que já houvera sido publicado, tempos atrás, pelo "Jornal do Comércio", creio ser oportuno que venha a lume a carta que, por aquele motivo dirigi a esse senhor, e que é a seguinte:

Tha. Sr.

Augusto Linhares.

Prezado Senhor:

Politicando a revista "Autores e Livros" deparei com uma explicação do crítico Múcio Leão a respeito de uma sua edição das "Poesias Completas de Raimundo Corrêa".

Procurei saber quem o articulista que descobriu defeitos tão importantes naquela edição e ler o artigo, comparando as críticas com os prováveis erros do organizador de uma obra tão séria e de tanta responsabilidade. E posso confessar, Dr. Augusto Linhares, que fiquei atônito! As críticas feitas pelo Sr. naquela obra são inteiramente destituídas de fundamento!

Eu, que sempre admirei e sei trabalhar como a senhora se expor de maneira tão inatenta ao julgamento dos outros e da posteridade!

Como pode um homem de letras como a senhora se expor de maneira tão inatenta ao julgamento dos outros e da posteridade?

Não posso compreender como uma pessoa de mediana inteligência possa não ter entendido as notas tão claras no rodapé de cada soneto em que Múcio Leão indica as sucessivas variações pelas quais cada um deles foi passando nas diversas edições. E de uma clareza meridiana!

O soneto *Pesadela* poética, quando incluído no livro "Aleluia", "Aleluia" é um livro de poesia de Raimundo Corrêa anterior à reunião seletiva a que o poeta denominou "Poesias"; o título: *Cauchemar*. Posteriormente, Raimundo, ao incluí-lo no livro "Poesias", mudou o seu título para *Pesadela*. Isto está lógico, claro, explícito na edição de Múcio Leão. Qualquer criança compreendia. Veio então

o Sr. e declara que o título *Pesadela* foi inventado por Múcio Leão!

E' incrível! E' formidável!

E assim vão se sucedendo os exemplos citados por V. S., revelando em uma escuridão mental complexa que lhe impossibilitasse o entendimento ou então uma deliberada intenção de mentir, fiada na preguça de leitor para constatar a mentira.

Só há um modo de compreender sua atitude, e neste caso, acho que o Sr. agiu com grande astúcia.

E a possibilidade de haver uma desavença entre V. S. e Múcio Leão.

Eu, que sou um pobre leitor de versos, não estou no pat das relações entre os intelectuais. Se V. S. considero a autor daquela edição seu inimigo, então V. S. agiu seguramente, de maneira legítima e corajosa.

Já que uns poucos defeitos, desculpáveis em qualquer obra, certos de revisão, excesso de pontuação nas versões da 1.ª fase, etc., não justificariam um ataque violento como o que V. S. fez, a única maneira de aniquilar a argumentação era recorrer a mentiras. Como os fins justificam os meios, a perfeição do ataque justifica a falsidade que o estrutura. Neste ponto, V. S. é um triunfador. Soube modelar a fama como não conseguiria Rodin.

Mesmo porque a maioria daqueles que leram e lerão a seu ataque não terão a curiosidade de comparar a crítica com a obra ou procurar a resposta à verdade. Contentar-se-ão com o paladário, o fogo de pólvora que é o espetáculo do pugilato. Se o crítico não tem a sensateza e a superioridade de reconhecer o nome do seu inimigo, pode escapar de ser alvejado dos versos que farejam as polémicas, as discussões, as lutas gratuitas.

Porque, infelizmente, Dr. Linhares, polémicas como a que V. S. quis iniciar não são degraças para a glória de escritores obscuros.

Para fazer o melhor caminho ainda é o trabalho honesto, o esforço desinteressado, que faz a glória de todos aqueles que hoje possuem o seu nome aureolado como verdadeiros represen-

tantes da crítica. E' um Arraújo Júnior, é um José Veríssimo, é um Millis, é um Buarque de Holanda, um João Ribeiro.

A propósito de sua crítica sobre a não oportunidade de publicar os primeiros versos de Raimundo, aqueles que não foram contemplados com a sua escolha na edição das "Poesias", tive o trabalho de copiar este trecho de Eça de Queirós, que V. S. certamente ignora:

"Victor Hugo publicou este mês mais um volume — *Toute la Lyre*. Como o Cid, que ainda vence batalhas depois de morto, Hugo em um ano atira de dentro do seu sepulcro um radiante e vitorioso poema. A propósito deste, do novo, se discutiu se estas publicações postumas de versos, que ele em vida atirava para o canto, aumentam realmente a obra poética de Hugo.

Discussão ociosa. De certo não aumenta a sua glória. Essa já está esbatelada e fixa, no seu máximo esplendor, com as *Contemplations*, a *Légende des Siècles* e as *Châtiments*. Mas aumentam o nosso conhecimento do poeta, revelando novos pensamentos, novas emoções ou formas diferentes no exprimir as emoções e os pensamentos que lhe eram habituais. Victor Hugo era um grande espírito que sentia e pensava em versos. Cada verso, que nos é desvendado, constitui-se pois um documento novo sobre o poeta — sobre a sua visão espiritual ou sobre o seu verbo lírico. Ora quantos mais documentos se reunem sobre um homem de gênio como Hugo, mais completo se torna o trabalho crítico sobre a sua individualidade e sobre a sua obra. Para aplanar e completar o conhecimento dos grandes homens publicam-se-lhes as cartas, todos os papéis íntimos — até as contas da alimofa. ASSIM SE TEM FEITO POR LAMARTINE, POR BALZAC, etc."

Assim, pois, Dr. Linhares, sinto muito dizer que este último argumento, aquele a que V. S. podia tentar se agarrar, como ao subterfúgio da beira do precipício, também este derradeiro argumento vem se afundar à infutilidade dos demais. Não há comentário a fazer.

Eu, que sempre fui um admirador seu, ao constatar o que ponto chegou a fraqueza humana, tive um abalo.

Reminiscência

*Quando se era menina (já há tanto!)
um casal bem de frente a nós vinha,
e lá belos, parecia a nós, quando
cozinhava, já, e em um bar que harmonia!*

*Era o início dos dias o meu encanto
de piscar, murchar, e lá e lá,
tinha pouco, mas movendo um pranto
caminha, e lá, e lá, e lá, e lá, e lá.*

*Se esta memória é de tão longe, e tão
fugaz, e tão de longe, e tão
fugaz, e tão de longe, e tão
fugaz, e tão de longe, e tão.*

*Quão de amor como é de amor a paixão,
e lá, e lá, e lá, e lá, e lá, e lá,
e lá, e lá, e lá, e lá, e lá, e lá,
e lá, e lá, e lá, e lá, e lá, e lá.*

Requiem

REMINISCÊNCIA, soneto autógrafo de Gilka Machado

Que será da nossa literatura se aqueles em quem confiamos falham assim.

Só vejo uma forma de se restabelecer a linha e a não violentamente quebrada. O Sr., com a honestidade que o caracteriza (fazemos o possível para tapar os olhos nesta caso escabroso) reconhecer publicamente, que pelo menos no caso das emendas atribuídas a Múcio Leão quando feitas pelo próprio Raimundo Corrêa, pelo menos no tocante a tais emendas, V. S. enganou-se completamente.

Assim todos nós seus admiradores ficaremos satisfeitos, e está salva a pátria amada.

Com referência a esta carta, quero que saiba que é estritamente confidencial, não será dada à publicidade a não ser que o Sr. mesmo o queira, mantendo sua atitude atual de incorreção.

Para o mais, creia-me seu

Am. at.º obto.

(a.º) Sérgio Veloso

Livros Novos

Revista Esau — n.º 136 — maio-abril — 1950 — 24 páginas — impresso no Brasil Gráfica Bloch S. A. — Rio.

Revista do Instituto Brasil Estudos Unidos — volume VII — n.º 10 — julho-dezembro de 1949 — número especial em homenagem aos cemitérios de Rui Barbosa e Joaquim Nabuco no bi-centenário de Goethe — 67 páginas 3 fotografias — gráfica Locomotiv Limitada — Rua Carlos de Carvalho, 40 — Rio de Janeiro.

Revista do Instituto do Ceará — sob a direção de Th. Pompeu Sobrinho — tomo LXII — ano LXII — 1949 — editado Instituto do Ceará Ltda. Fortaleza — Ceará — 445 páginas — 1 página de índice.

AUTORES E LIVROS

Propriedade de MUCIO CARNEIRO LEAO

ASSINATURAS

Assinatura anual com registro Cr\$ 45,00

FASCICULOS AVULSOS:

Dois Volumes da 1.ª fase (I a VIII) Cr\$ 50,00

Dois volumes IX e X Cr\$ 5,00

Do volume XI Cr\$ 4,00

Brochura dos volumes IX e X Cr\$ 100,00

NUMEROS ATRAZADOS

Atenção! Almirante Barroso n.º 73, 13.º andar Telefone 22-9961
raíal 9. Tratar com Sérgio Pinheiro.

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7 — 12.º and. — 37-9527

RIO DE JANEIRO — BRASIL

IMPRESSO NAS OFICINAS DA IMPRENSA NACIONAL

"SÃO PAULO"
COMPANHIA NACIONAL
DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 10.º

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker
Dr. Erasmo Teixeira de Assunção
Dr. J. C. de Macedo Soares

COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO LIMITADA

UNICA RECEBEDORA E DISTRIBUIDORA DO AÇÚCAR DE PRODUÇÃO
DAS USINAS DO ESTADO PELOS CENTROS DE CONSUMO
DO PAÍS E DO EXTERIOR

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS RUAS DO BRUM N.º 248
E GUARARAPES N.º 113

Capital subscrito..... Cr\$ 4.966.100,00
" integralizado Cr\$ 4.877.200,00
Fundo de Reserva.... Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL

Escritório no Rio de Janeiro: — Rua da Candelária n.º 9 — s/301
Em São Paulo: — Rua Álvares Penteado n.º 180 — s/509

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO: — José Pessoa de Queiroz, Presidente;
Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luis Inácio Pessoa de Melo, Tesou-
reiro; Manuel Caetano de Brito, Diretor; Manuel Maroja, Diretor.

CONSELHO FISCAL: — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leônides Araújo
e Ramero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso
Freire e Enock Maranhão.

A Vida dos Livros

LIVROS NOVOS

- A. da Silva Mello — *Mistérios das Realidades deste e do outro mundo* — Livraria José Olímpio Editora — 1949 — 66 páginas.
- Antônio Gonçalves de Carvalho — *Leções da Faculdade de Direito de Minas Gerais em São Paulo* — com a realização na Faculdade de Direito de Minas Gerais — S. Paulo — 1949 — 100 páginas.
- Armando de Barros — *Discurso* — São Paulo, 1949 — 25 e 8 páginas.
- Augusto Maurício — *O Solar d'El Capão de Farnel Loguêti* — Ilustrado por Ary Duarte — 1949 — Imprensa Nacional, 107 páginas.
- Augusto Carlos de Assunção — *O Sertão de Salvaterra* — Canto lírico em 3 atos e 3 bailados — 56 páginas.
- Alberto Carlos de Assunção — *Amor Fortes e Aquarelas* — São Paulo 1949 — 211 páginas.
- A. L. Nobre de Melo — *Mundos Mágicos* — Ensaio — Livraria José Olímpio Editora — 1949 — 157 páginas.
- A. C. de Almeida — *A Causa de Tisologia e a Indústria da Prof. Clementino Fraga* — Publicação da "Revista Médica" — 1949 — 35 páginas.
- Aureliano Leite — *Influência da nova técnica paulista do século XVI nos desenhos da Brasil* — Contribuição ao IV Congresso de História Nacional — São Paulo, 1949 — 88 páginas.
- A. Educação no Estado da Bahia — *Repertório Estatístico comemorativo do IV Centenário da Cidade do Salvador* — Segunda tiragem (revisada) — Rio de Janeiro — Serviço Gráfico do Instituto de Geografia e Estatística — Junho de 1949 — 140 páginas.
- Alberto de Serpa — *Retrato e Ilusão de Gomes Leal* — Poema — Livraria Pittagalla — Porto — 1948 — 14 páginas.
- Alberto de Serpa — *Fonte* — Livraria Tavares Martins — Porto — 1949 — 12 páginas.
- Aloysio Alexandre Soares — *Pátria Literária* — Livraria Amaçônia — Rio de Janeiro — 1948 — 90 páginas.
- O Grande Enigma — *Comédia* — 1948 — 67 páginas.
- Américo Jacobina Lacombe — *Barbosa e a primeira Constituição da República* — Casa de Rui Barbosa — 1949 — 32 páginas.
- A Engenharia no Brasil 1.º Congresso Panamericano de Engenharia — Fluminense Brasileira de Engenharia — Rio de Janeiro — Brasil — 1949 — 54 páginas.
- *Aspectos da Catedral de São Paulo* — Academia Brasileira de Letras — 1946-1947 — Rio de Janeiro, 264 páginas.
- Academia Fluminense de Letras — *A Verdade sobre Casemiro de Abreu* — Niterói — Estado do Rio de Janeiro — 1949 — 8 páginas.
- Academia Fluminense de Letras — *"In Memoriam" de Casemiro de Abreu* — Departamento de Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1949.
- Carlos Magalhães de Azeredo — *Notas Sobre a Saúde* — Diplomata Editora — Roma — 1949 — 22 páginas.
- Casa de Rui Barbosa — *Realizações* — Ministério da Educação e Saúde — Casa de Rui Barbosa, 1949 — 35 páginas.
- Casa de Rui Barbosa — *In Memoriam D. Maria Augusta Rui Barbosa* — 1949 — 58 páginas.
- Carvalho Neto — *Gumerinaldo Sousa* — Discurso — Aracaju — Outubro, 1949 — 28 páginas.
- Clementino Fraga — *Discurso de agradecimento na sessão solene de 21 de setembro de 1949, em que lhe foi conferida a "Medalha Cardoso Fontes"* — 1949 — 156 páginas.
- Ciro Arns — *Memórias dum Estudante* — 1985 — 1908 — 202 páginas.
- David Carneiro — *O Problema da Federação Brasileira* — Cadernos da Atualidade — coleção dirigida por Carlos Lacerda — n.º IV — Instituto Progresso Editorial S. A. — São Paulo — 1948 — 64 páginas.
- Demócrito de Castro e Silva — *Maciel Pinheiro, Peregrino anônimo* — Discurso — 1949 — 33 páginas.
- Eduardo Corrêa — *O Patrio e a cortez* — Romance Histórico — Irmãos Pongetti — Editores — Rio de Janeiro, 1948 — 184 páginas.
- Eugênio Gomes — *Espelho contra Espelho* — Estudos e Ensaio — Instituto Progresso Editorial S. A. — 1949 — 251 páginas.
- Faria, Góes Sobrinho — *Educação, Humanismo, Cultura* — Faculdade Nacional de Filosofia — Rio de Janeiro — 1949 — 63 páginas.
- Flávia da Silveira Lobo — *Treze Poemas Francês* — Cahier de Poésie — Edições Pongetti — 23 páginas — Rio de Janeiro, 1949.
- Flávia da Silveira Lobo — *Fugas e Semifugas* — Caderno de Poesia — Edições Pongetti — Rio de Janeiro 1949 — 35 páginas.
- Gibson Lessa — *Gelo e Morcego* — Movimento Editorial Panorama — Belo Horizonte, 1949 — 108 páginas.
- Genésio Pereira Filho — *Rui Barbosa para a Juventude* — Editorial Guanumbi — 1949 — 39 páginas.
- Hamilton Elia — *Tamandaré* — Poema.
- H. G. Wells — *O Alimento dos Deuses* — Romance — Coleção Saratva — 18 — Edição Samira — São Paulo, 1949 — 281 páginas.
- Henri de Lantoull — *Précis de Littérature* — Second Cycle Complet — Livraria Francisco Alves, 1949 — 189 páginas.
- Haroldo Valadão — *Justiça, Democracia, Paz* — Livraria José Olímpio Editora — Rio de Janeiro, 1948 — 413 páginas.
- Helio Chaves, do P. E. N. Clube — *Livro de Minha Alma* — Poemas — Rio de Janeiro, 1949 — 100 páginas.
- H. Pereira da Silva — *A Megalomania Literária de Machado de Assis* — Ensaio — Capa de Luiz Goulart — Editora Aurora — Rio de Janeiro — 127 páginas.
- José Jorge — *Histórias* — Versos — com um prefácio de Brasil dos Reis — 1949 — 45 páginas.
- J. P. Leite Cordeiro — *A Terapêutica da Sífilis desde o Mercúrio até à Penicilina* — São Paulo — 1948 — 49 páginas — São Paulo e a Invasão Holandesa no Brasil — São Paulo, 1949 — 244 páginas.
- José Aderaldo Castello — *Introdução, seleção e notas a Gonçalves de Magalhães* — Pequena Biblioteca de Literatura Brasileira — São Paulo — Editora Assunção Ltda. — 1946 — 156 páginas.
- Jayme de Altavilla — *Canto Nôutico* — (Vemosa) — Oficinas Gráficas do Orfanato de S. Domingos — Mangabeiras — Macció — 1949 — 104 páginas.
- João Daniel de Castro — *Essência do Tempo* — (Poesia) — Prefácio de Burreto Filho — Capa de Abreu Almeida — Rio, 1949 — 96 páginas.
- José Pedroni — *Problemas Vitais do Estado do Rio* — Departamento de Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — Brasil — 1949 — 86 páginas.
- Jorge de Lima — *Livro de Soneto* — 1949 — Livros de Portugal S. A. — Rio de Janeiro — 168 páginas.
- João Henrique — *A Internacionalização de Jerusalém* — Ministério das Relações Exteriores — Serviço de Publicações — 34 páginas.
- José Aderaldo Castello — *Biografia Literária de Arrupe Júnior* — O Homem e a Época — (A propósito do centenário do seu nascimento) — Editora "Instituto do Ceará" Limitada. — 1949 — 22 páginas.
- João Pacheco — *Amadeu Amaral* — Separata da Revista do Arquivo Municipal, n.º CXXVIII — Departamento de Cultura — Divisão do Arquivo Histórico — São Paulo, 1949 — 35 páginas.
- João Daut d'Oliveira — *A Conferência de Aracaju* — Discurso — Rio de Janeiro 1949 — 26 páginas.
- Lago Burneta — *Entrada do Céu perdido* — Poesia — Capa de Floriano — S. Luiz do Maranhão — 1949 — 97 páginas.
- Lacerda Nogueira — *Sandália a Kleber de Sá Carvalho* — Elogio de Kleber de Sá Carvalho — Elogio de Kleber de Sá Carvalho — separata do volume I da Revista da Academia Fluminense de Letras — Rio de Janeiro, 1949 — de página 250 a 272.
- Léo Ivo — *Cântico* — Ilustrações de Emílio Marier — Livraria José Olímpio Editora — 1949 — 107 páginas.
- Manuel Fernandes Nabuco — *Observações Médico-Cirúrgicas e Anatómicas* — Com um prefácio do Prof. Augusto da Silva Carvalho — XVI-70-II — páginas.
- Ministério das Relações Exteriores — *Documentos Relativos ao Convênio Italo-Brasileiro firmado em 8 de outubro de 1948* — 125 páginas.
- Maria Laura Moura Mousinho — *Sobre Espaços Projetivos Retorcidos de seus sub-espaços* — Rio de Janeiro, 1949 — 47 páginas.
- Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros — Grafica Editora Sousa — Rio de Janeiro — 1949 — Sob a direção de Rubens Borba de Moraes e William Berrien — 295 páginas.
- Nilo Brun — *Casemiro de Abreu* — Editora Aurora — Rio de Janeiro — Brasil, 1949 — 203 páginas.
- Oliveira Ribeiro Neto — *Sol na Montanha* — Livraria Martins Editora S. A. — São Paulo — 1949 — 90 páginas.
- Osório de Aguiar Sousa — *Discurso* — Tip. Alois — Piracicaba — 7 páginas.
- Pedro Demostenes Rache — *Democracia e Matemática* — 1949 — 63 páginas.
- Deus e o Amor da Pátria — 1949 — 25 páginas.
- Emissões de Papel Moeda — 47 páginas.
- Roberto Lobo — *D. Carlos* — Romance — Irmãos Pongetti — Editores — 1949 — 96 páginas.
- Raul Machado — *Asas Libertas* — Departamento de Imprensa Nacional — 1950 — Rio de Janeiro, Brasil — 88 páginas.
- Renato de Mendonça — *Poesia Histórica do Brasil* — Lisboa — 1946 — 178 páginas.
- Afrânio Peixoto, o romancista e o crítico literário — Coimbra — 1947 — 28 páginas.
- Saúde — Almanaque do S. N. E. S. — 1950.
- Saúde Escolar no Distrito Federal — publicação da Secretaria Geral de Educação e Cultura da P. D. F. — 48 páginas.
- Veiga Neto — *Antologia Goiana* — Tomo I — Prosadores, jornalistas e e poetas falecidos — 1938-1944 — 310 páginas.
- Wilson W. Rodrigues — *Bahia flor* — Poemas — Publicitan Editora — Capa de Santa Rosa — 145 páginas.
- A. da Silva Mello — *Ministérios e Realidades deste e do outro mundo* — Livraria José Olímpio Editora — 609 — VI páginas.
- Albino de Serpa — *Fonte* — Livraria Tavares Martins — Porto — 81 páginas.
- *Funcionário Nomeado para Estágio Probatório Estabilidade* — Tribunal Federal Recursos — 18 páginas.
- Milton Pedrosa — *Passos Cegos* — Romance — Livraria Cultura Brasileira Ltda — Capa de Guignard — 288 páginas.
- Anadário Brasil Portugal — *Livraria Tupã Ltda.* — Rio de Janeiro — Ano XXI 1950 — 170 páginas.
- Silvio Alves — *Enciclopédia do Charadista* — Coordenada por Silvio Alves — Seção de Livros da Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S. A. — Rio de Janeiro — Brasil, 1950 — 228 páginas.
- Anibal Martins Alonso — *Estrangeiros no Brasil* — Rio de Janeiro, 1949 — Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil — 406 páginas.
- José Maria Belo — *Joaquim Nabuco e Rui Barbosa* — Duas conferências — Ministério das Relações Exteriores — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1949 — 92 páginas.
- Athos Damasceno Ferreira — *Jornais Críticos e Numismáticos de Porto Alegre no Século XIX* — Edição da Livraria Globo — Porto Alegre — 1944 — 33 páginas.
- Ana Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça — *Casimiro Alves, um estudante, apenas* — Conferência lida no Ministério da Educação — Casa do Estudante do Brasil — 19 — Rio de Janeiro, 1950 — 45 páginas.
- Castro Soromenho — *Terra Morta* — Romance — Coleção Galvota — Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil — 1949 — 225 páginas.
- Comédia — Edição de Natal — 1949.
- *Combatendo doenças transmissíveis* — Publicação do Serviço Nacional de Informação Sanitária — 1948 — Rio de Janeiro — 23 páginas.
- José Honório Rodrigues — *Teoria da História do Brasil* — Introdução metodológica — Instituto Progresso Editorial S. A. — S. Paulo — 358 páginas.
- João Camilo de Oliveira Torres — *A Libertação do Liberalismo* — Política — Coleção Galvota 2 — Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil — Rio de Janeiro, 1947 — 287 páginas.
- Karol Stromenger — *Chopin para o povo* — Col. Cidadões do Mundo — Tradução direta do Polonês por Ignacy Sachs — Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil — Rio de Janeiro 1949 — 77 páginas.
- Philadelpho Azevedo — *A Justiça Internacional* — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — n.º III — Ciclo de Conferências de 1949 — Serviço de Publicações. — 1949 — 25 páginas.
- Osvaldo Cordeiro de Faria — *Alguns Aspectos da ação da FEB* — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — n.º IV — Ciclo de Conferências de 1949 — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional, 1949 — 25 páginas.
- Sousa da Silveira — *Dois autos de Gil Vicente (o da Moína e o da Alma)* — Explicado por ... — Publicações do "Centro de Estudos de Língua Portuguesa" — Separata de A Ordem, n.º 1-3 e 4 do vol XLII — Rio, 1949 — 78 páginas.
- *Visão Arcebispo* — Carta Pastoral — Dom F. de Aquino Corrêa S. S. — Arcebispo de Curitiba — Tratamento do Rio de Janeiro — Brasil — Imprensa Nacional 1949 — 48 páginas.
- Alvaro Faria — *A Rosa Ortulhada* — (Poesia) — Rio de Janeiro, 1949 — 47 páginas.
- *Os Livros do Capitão* — Certidão realizada em honra do Dr. Fernando Nobre, na sede da Embaixada da Itália, no Rio de Janeiro, a 28 de outubro de 1949 — São Paulo, 1949 — 37 páginas.
- Alphonsus de Guimarães Filho — *O irmão* — Poesia — Livraria Agir Editora — Rio de Janeiro, 1950 — 108 páginas.

A Vida dos Livros

— Antônio Gontijo de Carvalho — *Rai estudante* — Casa de Rui Barbosa — 1949 — 44 páginas.

— Aníbal Fernandes — *Nabuco, Cidadão do Recife* — Recife, 1949 — 124 páginas.

— Gabriel Tundella — *Sangue da Terra* — Evocação de Monteiro Lobato — Poesia — Editora Brasileira Limitada — São Paulo — 1949 — 32 páginas.

— Humberto Bastos — *Rui Barbosa, Ministro da Independência Econômica do Brasil* — Casa de Rui Barbosa — 1949 — 262 páginas.

— Lucy Schettino — *Rumor de Águas* — Poesia — Imãns Pengetti Editores — Rio de Janeiro, 1949 — 83 páginas.

— Dilermando Duarte Cox — *Os portos da cidade maravilhosa* — Romance — Capa do autor. Livraria José Olimpio Editora — Rio de Janeiro, 1950 — 232 páginas.

— Antônio Loureiro de Sousa — *Saltinas Ilustres* — 1864-1925 — MCXIX — (Tip. Beneditina Limitada, Cidade do Salvador) 222 páginas.

— Fontes, Vinício Massia — *Bumbo da Economia Nacional* — Jornal do Comércio — Rodrigues & C. — Av. Rio Branco, 117 — Rio de Janeiro, 1950 — 46 páginas — vários quadros de estatística.

— Lima, Neraldo — *O café no Estado Nacional* — conferência pronunciada, a convite do Instituto Nacional de Ciência Política, a 18 de Dezembro de 1949, no "auditorium" da Associação Brasileira de Imprensa — Edição do Departamento Nacional do Café — 1949 — 56 páginas — 1 pag. índice.

— Ribeiro, Adalberto — *O Instituto Nacional de Estatística* — Departamento Administrativo do Serviço Público — Separata da "Revista do Serviço Público" — Ano VI — Vol. I — Nº 3 abril de 1949 — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro — 1949, 18 páginas — várias fotografias.

— *A Escola Anna Nery* — sem. Idem, Idem Ano VI — Vol. I — Nº 1 janeiro de 1949 — Idem 31 páginas — Idem.

— *O Departamento Nacional de Estradas de Ferro* — Idem, Idem, Ano V — Vol. IV — Nº 3 dezembro de 1949 — Idem 29 páginas — vários gráficos e fotografias.

— Rohden, Huberto — *Pascal — o homem que apela da razão para o coração e de Roma para Deus* — União Cultural Editora Ltda. Caixa Postal 203-A — São Paulo — 161 páginas inclusive índice.

— Sternberg, Hilgard O'Reilly — *Professor da Faculdade Nacional de Filosofia e do Instituto Rio Branco — Enxentes e movimentos coletivos do solo no vale do Paraíba em dezembro de 1948 — influência de exploração destrutiva das terras* — Separata da Revista Brasileira de Geografia n.º 2 — Ano XI — Rio de Janeiro — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Conselho Nacional de Geografia — 1949 — 261 páginas — várias fotografias, cartas alométricas e 1 mapa — resumo em várias línguas.

— Barroso, Gustavo — *Ao son da viola (Folclore)* — Nova edição correta e aumentada — Rio de Janeiro, 1949, 562 páginas — 3 pag. índice — Departamento de Imprensa Nacional — 1950.

— Cardim, Elmano — *Joaquim Nabuco homem de imprensa* — Conferência pronunciada pelo... a 19 de setembro de 1949, no Salão da Biblioteca

do Palácio Ramarati. — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — Serviço de publicações — 36 páginas — Departamento de Imprensa Nacional — 1949.

— Carmo, J. A. Pinto do — *Rui Barbosa e o Dom Quixote* — Casa de Rui Barbosa, 1949 — 16 páginas, 8 páginas de documentos fotográficos — Gráfica Olímpica — Rio.

— *Cadernos Dominicanos de Cultura* — Ciudad Trujillo — Año VI — Números 72 e 73 — Agosto e Setembro de 1949 — Vol. VI — 66 páginas.

— Eboli, Tereninha — *Julgamento no Recife* — Ilustrações de Yedda Navarro — Biblioteca Saps de Literatura Infantil — Serviço de Alimentação da Previdência Social — 1949 — 14 páginas — Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

— Fontoura, João Neves da — *Rui Barbosa, orador* — Conferência pronunciada pelo Embaixador... a 31 de outubro de 1949, no Salão da Biblioteca do Palácio Ramarati — Ministério das Relações Exteriores — Divisão Cultural — Ciclo de Conferências de 1949 — Serviço de Publicações — 68 páginas — Departamento de Imprensa Nacional.

— Henrique, Paulo — *Panorama da História* — Distribuição da Editora Brasileira Ltda., 1947 — São Paulo — 136 páginas.

— Lima, Alceu Amoroso — *Obras completas de XXXIV Mensagem de Roma* — Rio de Janeiro — Livraria Agr. Editora — 1950 — 311 páginas 1 página de índice incluída.

— Montenegro, Olívio — *Um revolucionário da praça* — Conferência pronunciada na Escola de Engenharia de Pernambuco por ocasião das comemorações do 1.º centenário da revolução brasileira — 1949 — 14 páginas — Imprensa Oficial — Recife, 1949.

— Paragino, Umberto — *A margem do problema alimentar brasileiro* — (Tarefas e Realizações do SAPS) — 1949 — Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS) — 124 pag. — 3 páginas de índices.

— Sousa, Antônio Loureiro de — *do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia* — *Saltinas Ilustres* — 1864-1925 — 1949 115 páginas — 2 páginas índice — Fotografias — Tipografia Beneditina Ltda. — Cidade do Salvador — Capa do irmão Paulo Lachenmayer O. S. B.

— Sousa, Odete de Carvalho e — *Joaquim Nabuco, Diplomata e Geógrafo* — Conferência pronunciada em 10 de agosto de 1949, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Ministério das Relações Exteriores — Serviço de Publicações — 26 páginas — Departamento de Imprensa Nacional — 1950.

— Souza Júnior, Antônio (maior) — *Do Reconhecimento aos Guararapes* — 1.º prêmio do Concurso Comemorativo do Tri-Centenário da 2.ª Batalha dos Guararapes — 2.ª Edição — 1.ª Edição (7.500 exemplares) direitos reservados à Biblioteca Militar — 233 páginas — 2 páginas de índice — desenhos.

— Roll, Eric — *História das Doutrinas Econômicas* — Tradução de Cid Silveira — Biblioteca do Espírito Moderno — Série 3.ª — História e Biografia — Vol. 49 — Companhia Editora Nacional — São Paulo, 1948 — 526 páginas.

— Santos, Artur — *A Conferência de Bogotá* — Discurso pronunciado no Senado Federal, na sessão de 4 de

junho de 1949 — Ministério das Relações Exteriores — Serviço de Publicações — Imprensa Nacional — 23 páginas.

— Sette, Mário — *Terra Pernambuco* — 7.ª edição aumentada — Obra adotada nas Escolas Públicas e Particulares do Estado de Pernambuco — Desenho de Nestor Silva e fotografias de Oscar Mala — Edita Empresa "Diário da Manhã" S. A. — Recife, 1948 — 157 páginas.

— Silson, S.A. — *Galeria dos Brasileiros Ilustres (Os Contemporâneos)* Tomos I e II — Biblioteca Histórica Brasileira — Direção de Rubens Borba de Moraes, XVIII — Livraria Martins Editora S. A. São Paulo 1948 — 332 e 350 páginas.

— Soares, Aloisio Alexandre — *Páginas Literárias* — Livraria Amazonia — Belém — Para — Brasil, 1948 — 20 páginas.

— *O grande cangano* — comédia em três atos e quadros — Livraria Amazonia — Belém — Para — Brasil, 1948.

— *Cadernos de artigos do Jornalista A. A. S.* — Caderno número 1 — 21 páginas.

— Sousa, Tomás Oscar Matzowides de — *A Expedição de 1.501-1.502 e América Vesputici* — IV Congresso de História Nacional — Rio de Janeiro — 1.ª Seção — História Geral — Tese III — com parecer do Professor Damiano Peres, retificado pelo autor da tese. — São Paulo, 1949 — 38 páginas.

— Teles, Ligia Fagundes — *O Cacto vermelho* — Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras — Editora Merto S. A. — Rio de Janeiro — São Paulo — 1949, 261 páginas.

— Tabajara, Nelson — *do P. E. N. Clube do Brasil* — *Da Tabua do Arranha-Céu (A encruzilhada nacional)* — P. E. N. Clube do Brasil Editora — Rio, s. d. — 168 páginas.

— Taunay, Visconde — *Céus e Terras do Brasil* — Viagens de Oitocenta — Paisagens Brasileiras — Edições Melhoramentos — 229 páginas.

— Taunay, Visconde — *Céus e Terras do Brasil* — Viagens de Oitocenta — Paisagens Brasileiras — Edições Melhoramentos — 229 páginas.

— Torres, Artur de Almeida — *Da Academia Fluminense de Letras* — *Poesias de Retende* — palestra realizada na Academia Fluminense de Letras, em 28 de novembro de 1948, — Imprensa Estadual — Divisão de Obras — Niterói, 1949 — 75 páginas.

— Venâncio Filho, Francisco — *Rio Branco e Euclides da Cunha* — Comissão Preparatória do Centenário do Barão do Rio Branco — Monografias. I — Ministério das Relações Exteriores — Imprensa Nacional, 1946 — 78 páginas.

— Viana, Hélio — *Estudos de História Colonial* — Biblioteca Pedagógica Brasileira — Série 5.ª — Brasileira — Vol. 261 — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1948 — 318 páginas.

— Viana Filho, Luis — *Rui e Nabuco* — Enxotes — In. 16 de 232 p. p. com 4 fotografias — Coleção Documentos — Brasileiros, 64 — Livraria José Olimpio, Editora — Rio de Janeiro — 1949.

— Viveiros, Xeler de — *Do Casamento* — Livraria Quaresma — Rio de Janeiro, 1949 — 209 páginas.

— *Cultura* — Ano I — Janeiro-Abril de 1949 — nº 2 — Ministério da Educação e Saúde — Serviço de Publicações.

— *Revista da Academia Fluminense de Letras* — Vol. I — outubro — 1949

— *Diálogos* — Órgão do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação e Saúde — Ano I — outubro de 1949 — nº 1.

— *Brasil Açucreiro* — Órgão do Instituto do Açúcar e do Alcool — Ano XVII — Vol. XXXIII — Junho de 1949 — nº 6.

— Idem — Ano XVII — Vol. XXXIV — setembro de 1949 — nº 3.

— Idem — Ano XVII — Vol. XXXIV — outubro de 1949 — nº 4.

— *Digesto Econômico* — nº 37 — agosto de 1949 — ano V.

— nº 38 — setembro de 1949 — ano V.

— nº 39 — outubro de 1949 — ano V.

— nº 40 — novembro de 1949 — ano V.

— nº 41 — dezembro de 1949 — ano VI.

— *Cronos* — Ano I — Julho-Agosto de 1949 — nº 5.

— *Notícias de Portugal* — 28 de outubro de 1949 — ano III — nº 130

— *Guia Quinquenal da actividade intelectual y artistica argentina* — ano III n.º 33 — segunda quinquena — outubro de 1949.

— *Cadernos Dominicanos de Cultura* — Ano IV — nº 45-46 — Maio-Junho de 1947 — volume IV.

— Ano IV — nº 47 — Julho de 1947 — volume IV.

— *Cadernos Dominicanos de Cultura* — Año VI, numero 71 — Julho de 1949 — Vol. VI.

— *Cadernos Dominicanos de Cultura* — Ano VI — Número 69 — Maio de 1949. — Vol. VI — 39 páginas.

— *Cadernos Dominicanos de Cultura* — Ano VI — Número 7 — Junho de 1949. — vol. VI — 47 páginas.

— *Itamaraty* — Boletim de informações para o Exterior — nº 45 — 30 de setembro de 1949.

— *Itamaraty* — Boletim de informações para o Brasil — nº 5 — 8 de dezembro de 1949.

— *Itamaraty* — Boletim de informações para o Brasil — 23 de dezembro de 1949 — nº 6 — 8 de janeiro de 1950 — nº 7.

— *A Casa* — nº 302 — outubro de 1949 — nº 303 — novembro de 1949.

— *L'Italia che scrive* — numero 2 — fevereiro de 1949.

— *Revista Brasileira de Estatística*

— Ano X — abril-junho de 1949 — nº 38.

— *Revista Branca* — ano II — 1949 — outubro — novembro — nº 9.

— *Revista da Academia Paulista de Letras* — ano XII — 12 de dezembro de 1949 — nº 48.

— *Revista Branca* — Bimestral — outubro-novembro — 1949 — ano II — nº 9.

— *Santiago* — Informação Cultural Española — Rio de Janeiro — dezembro de 1949 — 20 páginas.

— *Santiago* — Informação Cultural Española — janeiro de 1950

— *De Pernambuco a Portugal* — Janeiro de 1950.

— *Academia Fluminense de Letras* — *A Naturalidade de Casimiro de Abreu e seus falantes, erros e matismos* — nota de um biógrafo — Niterói — Estado do Rio de Janeiro — 1950 — 47 páginas, 1 pag. de índice — diversas fotografias — Jornal do Comércio — Rodrigues & Cia Av. Rio Branco, 117 — Rio de Janeiro — 1950.

— *A Voz de Londres* — Boletim para o Brasil — British Broadcasting Corporation — ns. 613 e 614 — de 6 de janeiro 1950 e 12 janeiro 1950 respectivamente — 4 pag. cada um

— *Castro, Aloysio de* — de l'Académie Brésilienne — *Paroles Françaises au Brésil* — F. Brigue & Cie — Editores — 148 pag. — 1 pag. índice sobre, d'imprimer le 30 Janvier 1950 sur les presses de l'imprimerie nationale — Rio de Janeiro.

— *Correa, Clavis Ernesto* — *Minuturas* — Trovas — Tipografia Paula — Passos — 1949 — 16 pag.

— *Digesto Econômico* — sob os auspícios da Associação Comercial de São Paulo e da Federação do Comércio do Estado de São Paulo — números 61, 63 e 64 de Janeiro, fevereiro e março, respectivamente — 140 páginas cada — gráficos São José — Rua Galvão Bueno 230 — São Paulo.

— *Documentos dos Arquivos Portugueses que importam ao Brasil* — Seção de Intercâmbio Luso-Brasileiro do S. N. I. número 32 — julho 1949 — 40 páginas — composto e impresso na Oficina Gráfica Ltda — Rua da Oliveira do Carmo 8 — Lisboa.

— *Falcão, Edgar de Carqueira* — *A fundação da Cidade do Salvador em 1548* — Memorial apresentado à Câmara Municipal da Cidade de Salvador em maio de 1949 — 102 páginas incluindo índice — esta obra foi composta e impressa nas oficinas da "Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais", 1 rua Contão de Sarredas, nº 38 — São Paulo, no mês de julho de 1949.

— *Faria, Paula* — *Poesia* — Rio de Janeiro 1949 — 57 páginas — ... *Do amor e da morte* — (conto) — Rio de Janeiro 1949 — 64 páginas. — Correspondência de Maria Lima — Rio de Janeiro 1949 — 56 páginas. — todos impressos por Ind. Gráficas Taveira Lda. — Rua 7 de setembro 217 — Rio de Janeiro.

— *Feder, Dr. Ernst* — *Goethe Geomantur* — Ansprache zur Feier des Goethes 200. Geburtstag gehalten im Teatro Serrador zur Rio de Janeiro am 29 August 1949 von Dr. Ernst Feder — Edição Gráficos Bloch E. A. Rua Frei Caneca, 511 — Rio de Janeiro — 12 páginas — 1 fotografia de Goethe.

— *Giffoni, O. Carneiro* — Instituto Brasileiro de História da Medicina — Sociedade Paulista de História da Medicina — Associação Brasileira de Escritores — Pen Clube do Brasil — *Escritos da História da Medicina do Brasil* — São Paulo 1950 — 34 páginas.

— *Índice Cultural Español* — números 47, 48 e 49 correspondentes a 1 de setembro de 1949, 31 dezembro 1949 (ano IV) e 31 janeiro 1950 (ano V) — todos de 96 páginas e um suplemento gráfico — índice na folha de rosto — Dirección general de relaciones culturales — Plaza de la Provincia 1 — Madrid — Gráficas Tejarlo S. A. — Plaza del Biombo 4 — Madrid.

— *Jacques, Paulino* — *O mandato político na Constituição de 1946* — Rio

A Vida dos Livros

de Janeiro 1950 — 53 páginas — 1 página de índice — Jornal do Comércio — Rodrigues & Cia — Avenida Rio Branco 117 — Rio de Janeiro 1950.

João José — *História* — versos com um prefácio de Brasil dos Reis — 1949 — 48 páginas, 1 página índice — João Vaz Vasconcelos — Rua Cel. Gomes Machado 199 — Niterói — Estado do Rio.

Leandro Marinho — *Pólvora de Meu Ombro* — sonetos — prefácio de Olintho Freire — 1949 — Livraria José Olympio Editora — Ouvidor, 110, Rio — 1949 — 104, São Paulo, 171 páginas incluindo índice — 1 bloco de papel de Luz Jardim — esse livro foi publicado e impresso nas oficinas da editora Gráfica da "Revista dos Tribunaes" Ltda. São Paulo, para a Livraria José Olympio Editora, Rio, em dezembro de 1949.

Machado, Maurício de — *João de Deus* — Estudo psico-biográfico feito para a Academia Pluminense de Letras — 1949 — Livraria José Olympio Editora — Rua do Ouvidor 110 — Rio de Janeiro — Rua dos Guimarães 104 — São Paulo — 48 páginas.

Martins, José — *O Hamlet de Antônio Nobre* — Separata de Cultura — nº 3 — 1949 — Ministério da Educação e Saúde — Serviço de Documentação — 177 páginas — 1 fotografia do busto de Antônio Nobre.

Portugal — *Revista de Cultura* — 22.º ano — Setembro-Dezembro de 1949 — números 23-24 — Porto — Portugal — 290 páginas — 1 suplemento — Baldo Marinho — Empresa Industrial Gráfica de Porto Ltda. — Rua das Mártires da Liberdade 178 — Porto — Portugal.

Santana, Mário (Campeiro) — *Som do Teu Choro* — Livro 1949 — O Cantinho da Capa e do Pincel santanense de Joel Amador — 78 páginas 1 página índice — Prefácio de Lucidoro Brito.

Santos, Gise Nelson de — *João Pinheiro de Sá* — sua vida — sua obra — seu exemplo — 1890 a 1900 — Belo Horizonte 1949 — 265 páginas — diversas fotografias — terminada a impressão deste livro nas oficinas da Imprensa Oficial de Minas Gerais em 15 de dezembro de 1949.

Silva, Moacir M. F. — *Geografia dos Transportes no Brasil* — série A — Biblioteca Geográfica Brasileira — Publicação nº 3 — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Conselho Nacional de Geografia — 1949 — Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — Rio de Janeiro — Prefácio de José Carlos de Mello — 270 páginas, 2 páginas índice — 1 página índice das quadras numéricas diversas fotografias.

Silva, Alcides — *Gente de Fina* — Editora Assumpção Limitada — São Paulo — 207 páginas, 1 página de índice — Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunaes" Ltda. — Rua Cândido de Sá, 38, S. Paulo, para a Editora Assumpção Ltda. em dezembro de 1947.

Silva, J. B. Mello e — *Meninas de Quilô* (crônica de infância) — capa de Carolina Melo e Souza Frick — Illustração de Henrique Cavalcanti — Editora Aurora, Ltda. — Rua Vinte de Abril 10 — Rio de Janeiro — 107 páginas — 1949.

Silva, Domitiana — boletim informativo da embaixada Dominicana — ano 4 — Janeiro e Fevereiro de 1950 — 26 e 27.

Silva, Academia Maranhense de Letras — novembro 1948 — volume V — 5.º Livro — Maranhão — 98 páginas — 1 fotografia — maio 1949 — volume VI — 98 páginas — 1 página de índice — janeiro 1950 — volume VII — 108 páginas — 1 fotografia — Serviço Imprensa Oficial — 3.º Livro — Maranhão.

O CORVO

XIII Tradução de Aurélio de Lacerda

De Poe

Uma vez, numa noite tempestuosa, à meia-noite lúgubre e trevosa, Eu, encoberto, encolado e ancoado, estava a ler velhos livros anais De um antigo saber hoje esquecido, e cochilava, quando ouvi um ruído Como de alguém que tivesse batido, a meu lado, a porta do meu quarto.

"Um visitante — murmurei — decerto, está batendo a porta do meu quarto. Deve ser isso, e nada mais".

Ah! bem distintamente ainda me lembro! Era no frio, gelido Dezembro; E o fogo da lareira se apagando enchia o chão de sombras espectralas. Que viscoso a aurora, aneloso, eu desejava; em vão, nos livros meus, a ler buscava Alguém comido à meiga em que me achava — a meiga alva da perda de Lenora A radiante e formosa criatura a quem hoje, nos céus, chamam Lenora E nome aqui não terá mais.

E o sedoso, aturdo sussurro da púrpura cortina a drapejar Todo me arrepiava à alma trazendo uma pavorosa estranha, anormal. Quisendo, então, vencer meu vão alarme, ergui-me a repetir, para acalmar-me: "E se alguém que veio visitar-me e batte agora, assim, à minha porta. Alguns noturnos visitantes, alguém que chegou tarde e bate à minha porta. E isto só — e nada mais".

Minha alma avém se foi fortalecendo, e pude então dizer, não mais temendo: "Senhor, senhora, quem sejas, perdão, se à tempestade, fora me esperas. Tanto tempo depois de haver batido! A verdade é que eu estava adormecido E mal podia mesmo ter ouvido esse bater, tão leve, à minha porta. Esse bater tão leve, tão do manso!" — E abri, então, de par em par, a porta. A escuridão — e nada mais!

De pé, a porta, o escuro a esquadriñar, longo tempo fiquei, triste, a pensar. A temer, a sombar encoberto à noite, em pançadas mais fortes, mais brutais. Mas da noite o silêncio persistiu; nem coisa alguma entre as trevas surgiu. E, num leve suspiro, eu só ouvi uma palavra, um nome, e foi — Lenora! Isto, pensando nela, eu sussurrei; e um eco repetiu depois — Lenora! Isto somente, e nada mais.

Entrando no meu quarto novamente, a alma abrasada numa chama ardente Logo outra vez ouvi o tal bater, em pancadas mais fortes, mais brutais. "Foi na janela!" — exclamei. — Eu bem dizia! Isto é só o furor da ventania. Que bate à janela à gelosia, E já vou desvendar esse mistério! Calma-te agora, coração, sossega, e deixa-me explorar esse mistério! Isto é o vento, e nada mais!"

Ah! então, de súbito, a janela! E voando, esvoaçando, entrou por ela Um velho Corvo negro, tenebroso, ave augural dos tempos ancestrais! Sem me saudar sequer e sem parar, pelo quarto se pôs a esvoaçar. Até que, como um "lord", foi pousar, orgulhoso, num busto alvo de Palas. Que havia sobre a porta do meu quarto, e, soberbo, no busto alvo de Palas Pousou, quedou-se — e nada mais.

Mas sucedeu que, olhando essa ave escura, um sorriso distal minha amargura. Pois encapado achi-lhe o porte alto, as soberbas maneiras senhoriais. "De cristina tua embara — então murmurei, — um covarde não és, eu o asseguro. O velho bicho feio, magro, escuro, escapado das praias de Plutão! Qual será o teu nome senhora, lá nas noturnas praias de Plutão!..." E o Corvo, disse: "Nunca mais".

Estranhei que ave estal! assim houvesse entendido a pergunta, e a respondesse. Embora fosse uma resposta estranha, aquela proferida em termos tais. Porque ninguém decerto suporia, e acreditar nem mesmo tu ousaria Que algum mortal pudesse ver um dia um pássaro surgir à sua porta. Um pássaro ou qualquer outro animal, pensando sobre um busto, à sua porta. Tendo por nome "Nunca mais".

Um símbolo de Pernambuco

MUCIO LEÃO

Mário Sete, que acaba de falecer no Recife, foi, nos meus olhos, desde que eu comecei a ler seus livros, e seus artigos esparsos, uma espécie de símbolo de Pernambuco.

Era um homem doce, amável, discreto, um homem que parecia a modestia em pessoa. Pouco falava de si, de seus trabalhos, da sua missão. Nunca lhe ouvi uma palavra de malícia contra ninguém, uma acusação gratuita, uma perfídia. Tudo isso, essas grandes, essas puras, essas belas virtudes, tornavam-no aquilo que eu sempre descobri nele: um autêntico símbolo do espírito pernambuco.

Mas Deus sabe o que eu quero dizer... O que eu quero dizer é que ele era o símbolo de um lado, apenas, do espírito pernambuco. Porque esse espírito é, sem dúvida, duplo. Ele é, às vezes, feito de elevação de purma, de bondade, de generosidade, e é esse o que todos nós estimamos e amamos.

E o espírito que está harmoniosamente perpetuado na obra e na vida de Joaquim Nabuco, nas majestuosas campanhas dos heróis da Abolição, na bravura sem desfalecimentos dos velhos lutadores do Clube do Cupim. E aquele mesmo espírito destemido e magnífico, que no segundo século do

novo País levou Pernambuco a se insurgir contra os poderosos holandeses; é o espírito que deu os Caneiros, os Nunes Machado — tudo o que naquela parte do nosso País tem tido instinto de amor à terra natal, bravura, elegância de alma, pureza de coração, desinteresse e heroísmo.

O outro lado é exatamente o inverso disso — é alguma coisa que torna o espírito pernambuco detestável. Ele entra-se na tendência a uma stylística negra na crítica a um propósito de tudo negar o indivíduo que não não dá sua afecção. Barbosa Lima Sobrinho, por exemplo, tem sido uma vítima constante desse segundo aspecto da alma pernambuca. E ele um dos mais elevados, dos mais cultos, dos mais bem intencionados administradores entre quantos no Brasil exercem ou têm exercido uma participação de poder. Seria uma honra para qualquer Estado dos que compõem a grande nação do norte do nosso continente possuir um leader com os atributos que possuem o espírito do pernambuco. Era natural, pois, que fosse umánimo o aplauso, o apoio, o testemunho dos pernambucos a um chefe de tais qualidades. Que vemos nós, entretanto? Vemos grupos de pernambucos — e muitos deles de respeitável representação intelectual — aferrados a um propósito de sistematizar

Mas o Corvo, no busto onde pousara, após aquilo, pronto, se calara. Como se houvesse escutado a alma ao proferir tais palavras fatais. Ficou sornio, em plácida postura, a sem mover uma só pena escura. Até que eu murmurei, com amargura: "Outros amigos, quantos, já se foram! Pela minha, este se irá também, como os meus sonhos todos que se foram..." E o Corvo disse: "Nunca mais!"

Rompe o silêncio e dessa vez me assusta, essa resposta — que era clara e justa! Mas logo refleti: "E natural! São esses os seus termos habituais... Não acaso só isso, e o aprendeu de algum desventurado dono seu. Que a sorte, sempre ingrata, ensandecida, e a quem restou somente o estribilho Com que fazia os tristes funerais das mortas esperanças, o estribilho De "Nunca mais! ai, nunca mais!"

Mas como olhar o bicho distraído aquela dor sem nome que eu sentia. Logo girei uma poltrona e, ali imerso em dedugos filosóficos, Em frente a porta, ao busto e ao Corvo mudo afundado no plácido veludo. Pus-me a fantasiar, num vão estudo, a imaginar porque a ave agoureira, Aquela feia, negra, repulsiva, espectral e grotesca ave agoureira Gravava sempre "Nunca mais!"

E assim fiquei em sonhos, a clamar, sem nada mais, contudo, acrescentar. A ave sornia, cujos olhos quentes, fitos em mim, varavam quais punhais. E assim fiquei clamando meditando, a cabeça em repouso reclinando Sobre o espaldar aveludado e branco, iluminado pela luz da lâmpada. Esse espaldar em cuja madeira a cabeça querida, à luz da lâmpada. Não poria ela — nunca mais!

Então o ar foi ficando mais denso, ali no quarto, qual se leve incenso Estivessem uns anjos esparrifando — e eu lhes ouvia os passos celestiais! "Desgraçado!" — exclamei — Deus apiedou-se! Um mensageiro Dele aqui te trouxe Esquecimento, paz, alívio doce à dolorosa perda de Lenora! Bebe depressa o salutar nepente, e esquece! esquece a perda de Lenora!" E o Corvo disse: "Nunca mais!"

"Profeta! — então gritei — Este do mal! Profeta, sejas duende ou animal. Que acaso o Tentador mandou a mim ou que fugido vens dos temporais. E assim chegaste aqui adinho e ouzado a este lar de tristezas devastado. A este mundo de horrores asombrado — agora diz, eu peço, eu te suplico: Balauno se acha, um dia, em Galand? Acha-se, enfim? Oh, diz-me tu suplico!" E o Corvo disse: "Nunca mais!"

"Profeta! — continuei — Este do mal! Profeta, sejas duende ou animal! Pelo Deus que adoramos, eu e tu, pelas súbtils peças celestiais. Diz a esta alma que vês sofrendo assim se ela, no Edm, um dia, há-de, por fim Abreçar novamente um querubim — aquela a quem nos céus chamam Lenora! Se atrairá a excelsa criatura a quem hoje nos céus chamam Lenora!" E o Corvo disse: "Nunca mais!"

"Seja, pois, isso o teu adeus! — bradei — Ave tu demônio! (e então me levantei, Desvalizado de dor). Retorna agora à tempestade e às praias infernais! De ti uma só pena aqui não resta! atestado a mentira que dissesse! Fique-se só qual estava quando vieste! Afasta-te, arre, arre esse busto! Tira teu bico que me fere o peito e sai daí de cima desse busto!" E o Corvo disse: "Nunca mais!"

E nunca mais se foi o Corvo horrendo! Ali o vejo, ali sempre o estou vendo. Negro, no busto branco onde pousou, sem cessar, busto se arredar jamais... E arde um fogo cruel em seu olhar, que lembra o de um demônio a meditar. E a branda luz da lâmpada a oscilar põe-lhe a sombra bailando pelo chão. E minha alma infeliz presa a esta sombra, a esta sombra que baila pelo chão, Não há de erguer-se — nunca mais!

(Diário de Notícias, 30 de outubro de 1949).

HOLLYWOOD À SOMBRA

L'INVITATION AU VOYAGE

Vinicius de Moraes

Leitor, meu irmão,
Pensa na emoção
Que é em Hollywood reinar.
Vendo a cada instante
Passar ondulante
Ava Gardner, ou Marlene Dietrich!
As ninfas constantes
Dentes eus brilhantes
Para mim têm o encanto ligeiro
Das zebras esquivas
Que correm cativas
Entre as grades de um zoo domingueiro.
Aqui é tudo beleza rara
Luxo, riqueza, pé na cara.
Poltrona macias
De Bullock e Sears
Posterio decorar tuas vitas,
E as mais belas flores
Juntam seus odres
Ao odor do verão, nem tão sweet,
Espandindo o nariz
Verás o Chinês
Um cinema de pompa oriental,
Que à alma brasileira
Lembra sobremancia
O "Elixir de Nogueira" natal.
Aqui é tudo bom gosto.
Não pé na cara... pé no rosto...

Vai ao Boulevard
Ver o transitar
Das novidades, a cata de texts,
E as Buicks luxentes
Sempre semoventes
Com Granfinos, tirantes os grangestes
Em Sunset Strip
Cuan não te estripe.
Algun Gangster em escura tocala,
Podéria no Ciro's
Dar os alguns giro
Vendo os astros cair na gandala.
Aqui é tudo M.G.M.
K.R.O., e a terra treme.
Se queres morrer,
Não haja temer
Forest Law te dá toda o conforto
Te lava e maquilha
Que é uma maravilha:
No final nem parece um morto!
As tuhas pontadas
As faces rosadas

E um sorriso nos lábios de cor,
Tu vendes saúde,
Que, um stipp em Hollywood,
Não é mais um defunto — é um amor!
Porém entrementes
Perde-te entre as gentes
E não pares se vires passa
Galãs conhecidas
Os punhos veldos,
Ou servindo cerveja num bar...
Medita na glória,
Nessa, e não na Glória
Swanson, de volta ao cartaz,
Mas nas Carol Landis
Pequenas e grandes
Que tomaram champagne demais.
Aqui tudo é só darling! honey!
Mas na hora mesmo, que se dane!
Leitor, meu cupicha
Pensa na pechincha
Que é comprares milhões de aparatos:

Fogões, geladeiras,
Máxas, torradeiras.
E até uma que te lavam os praxos!
Mas depois, trabalha.
Que tudo escanzalha.
E por dias sem fim pagaria
O tranco, a manilha
E o rádio de pilha
Aos agentes da free enterprise.
Tudo é "Ninety Days Guarantee".
Mas, decorridos, aí de ti!
Mas se o que tu queres,
Homem, é ver mulheres,
Então toma depressa o avião
E vem, porque as ditas
Alien de bonitas
Representam o dobro em extensão
Por toda Hollywood,
Muitas, e amadas,
Partadoras de rancas sem conta.
Elas vão e vêm
A espera de alguém
Que as descubra e lhes dê uma ponta.
Aqui é tudo horizontal,
Mistel, decubito dorsal...

Sombra, setembro de 1949.

Os Estados da República e a Academia

Rodolpho Garcia, falecido o ano passado, era um dos dois escritores rio-grandenses do norte que pertenciam à Academia Brasileira de Letras; o outro é o Sr. Peregrino Junior.
E' curioso subornar a posição que este Estado ocupa, hoje, na Casa de Machado de Assis. A relação da notoriedade dos 45 académicos atuais é a seguinte:
— Para, 1 — o Sr. Osvaldo Orico;
— Maranhão, 1 — o Sr. Viriato Correa;
— Ceará, 1 — o Sr. Gustavo Barroso;
— Rio Grande do Norte, 1 — o Sr. Peregrino Junior;
— Pernambuco, 8 — os Srs. Ademar Tavares, A. Azeiteiro, A. Carneiro Leão, Barbosa Lima Sobrinho, Celso Vieira, Manuel Bandeira, Nuno Leão e Olegário Mariano;
— Sergipe, 1 — o Sr. Aníbal Freire;
— Bahia, 3 — os Srs. Clementino Fraga, Otávio Mangabeira e Pedro Calmon;
— Estado do Rio, 4 — os Srs. Ataúlfo de Paula, Léo Carneiro, Oliveira Vianna, e Elmano Cariani;

— Distrito Federal, 7 — os Srs. Aloisio de Castro, Aiceu Amoroso Lima, Luiz Edmund, Magalhães de Azeredo, Miguel Osório de Almeida, Rodrigo Otávio Filho e Roquette Pinto;
— São Paulo, 6 — os Srs. Cassiano Ricardo, Cláudio de Sousa, Guilherme de Almeida, J. C. de Macedo Soares, Menotti del Piccini, Ribeiro Couto;
— Minas Gerais, 2 — os Srs. Helio Lobo e Afonso Pena Junior;
— Mato Grosso, 1 — o Sr. D. Aquino Corrêa;
— Santa Catarina, 1 — o Sr. Afonso de Tanay;
— Rio Grande do Sul, 3 — os Srs. Getúlio Vargas, João Neves da Fontoura e Viana Moog.
Como se vê, não se encontram representados na imortalidade académica o Acre, o Amazonas, o Piauí (que já teve um — Felis Pacheco), Paraíba (que já teve um — A. J. Pereira da Silva), Alagoas (que já teve dois — Guimarães Passos e Goulart de Andrade), Espírito Santo, Paraná (que já teve, também, dois — Emilio de Menezes e Rocha Pombo) e Goiás.

GALERIA SOTERO COSME



N.º 5 Retrato de mulher

Um romance da miséria

Dilermando Cox — que, como escritor, já se tornara conhecido do público, com a publicação de um livro pitoresco e gracioso sobre a fiscalização do consumo no Brasil — acaba agora de estreitar-se em outro gênero. Acaba de estreitar-se no mais difícil dos gêneros literários, no romance. Trata-se do aparecimento do livro intitulado *Os Périas da Cidade Maranhão*. É um romance, mas é um romance-documento, o que poderíamos chamar uma vasta reportagem, oferecida ao leitor em forma de novela.
No exercício de sua atividade de fiscal do consumo, esse Dilermando Cox ocasião de visitar uma favela, uma dessas várias concentrações em que se aglomeram a população mais pobre e desvalida do Rio de Janeiro, um desses vários e vastos refúgios da miséria, que pululam na cidade... Interessou-se por aquela pobre gente, comoveu-se com a dor e o sofrimento que ali descobriu, ou, apenas, lobrigou. E seu romance fixa esses quadros, seu romance ficou assim como se fosse

um brado de angústia, um grito, um protesto, um apelo, em favor daquela gente.
Dilermando Cox não recua diante das cruzes nem das violências, que naturalmente enchem o seu assunto. Diz tudo o que tem para dizer, conta tudo o que tem para contar — e com uma nadez de estilo perfeita. Isso equivale a dizer que ele é um naturalista, aos moldes, digamos, do saudoso Adolfo Caminha, e cru escultor do *Bom Criolo*.
A nosso ver, *Os Périas da Cidade Maranhão* é um romance que deveria ser lido e meditado por todos aqueles que no Rio de Janeiro tem responsabilidades oficiais, sejam estas de natureza policial, sanitária, ou meramente urbanística.
Porque esse romance é, em suas duzentas e tantas páginas, um eloquente, pavoroso requisiório contra a indiferença com que na capital da República todos vemos cada dia agravar-se o problema da pobreza e da miséria...

SIMÕES BARBOSA

Pernambuco acaba de perder um dos seus filhos mais ilustres: o dr. Simões Barbosa. Era médico, dono, nos seus bons tempos, de uma clínica enorme, que não o trocaria por nenhum outro facultativo do mundo...
Era também professor — professor da Faculdade de Direito, professor da Faculdade de Medicina. E foi, durante anos e em várias ocasiões, político de real prestígio em sua terra.
Tudo isso foi o velho Simões Barbosa, que acaba agora de falecer no Recife, com 90 anos de idade.
Mas de todas as atividades que ele teve em vida a que vai ficar lembrada

sempre, nas tradições do Recife, é a do bom médico, a do médico caridoso e humanitário. Simões Barbosa era, com efeito, um desses médicos suaves e confortadores, capazes de consolar os infelizes e os enfermos, com o simples sorriso amago que lhes dava. Ele era um desses doutores cuja simples presença à cabeceira de um doente já vale como que um começo de cura.
Faleceu em março último, e podemos dizer que deixa uma saudade sem fim em todos aqueles que o conheciam, em todos aqueles que foram seus clientes ou seus amigos.